

**SER
REFU
GIADO**



O PROJETO IMPULSO POSITIVO É APOIADO POR:



PREÇO DE CAPA: 12 EUROS

Henrique Joaquim

Presidente
da Comunidade
Vida e Paz

O Montepio ajuda-nos a apoiar quem mais necessita.

Todas as noites, na rua, há pessoas que têm necessidade de afeto, de um agasalho ou de uma refeição. É por isso que a Comunidade Vida e Paz, através dos voluntários das suas equipas de rua, assume tanta relevância. Porque apoiamos quem mais necessita. Mas não estamos sozinhos. É com o apoio do Montepio que conseguimos cuidar e inovar na nossa intervenção. E isso faz toda a diferença para a solidariedade em Portugal.

Só um banco diferente pode fazer a diferença.

montepio.pt



Montepio

Valores que crescem consigo.

04 EDITORIAL

09 VIVA VOZ

OPINIÃO

Quando há Sol, não é para todos.

Por Gustavo Carona

FÓRUM

Porque queremos acolher?

Por Manuel de Lemos, União das Misericórdias Portuguesas; Vânia Neto, Microsoft Portugal; Alfredo Abreu, Serve the City Portugal; Luís Alberto Silva, União das Mutualidades Portuguesas; Guilherme Pinto, Câmara Municipal de Matosinhos

INTERNACIONAL

Esquecidos

Por Amy Bird, Forgotten in Idomeni



16 CAPA

ENTREVISTAS

Tony Calleja, *JRS Médio Oriente*

Rui Marques, *Plataforma de Apoio aos Refugiados*

26 NO CENTRO

Dina Vardamatou, Praksis
A crise no Mediterrâneo

30 EXPERIÊNCIAS

NACIONAIS

Conselho Português para os Refugiados, Caravana Aylan Curdi, Família ao lado, Colégio das Escravas do Sagrado Coração de Jesus do Porto, Ikea Foundation, Reconnect

INTERNACIONAIS

Riace

39 PRÉMIOS & INCENTIVOS

44 ARTIGOS TÉCNICOS

A “crise dos refugiados” e o conceito de “segurança humana”

Por Rute Baptista

Diz-me que desafios tens, dir-te-ei quem és – o futuro do investimento social

Por Rita Casimiro e António Miguel



50 FOTOFILANTROPIA



“São milhares, aqueles que morrem. E por fim, o que encontram? Uma manjedoura de arame farpado.”

ERA UMA VEZ O NATAL

Regressemos ao Natal: Jesus nasceu numa manjedoura, rodeado de animais, porque chegados Belém, depois de uma longa viagem, José e Maria, seus pais, não encontraram ninguém que os pudesse acolher.

Passados milhares de anos, a história triste repete-se, com várias agravantes. Hoje, são milhares as famílias que viajam forçadamente, ainda que não seja a melhor altura. Não viajam, fogem. Hoje, a viagem é provavelmente ainda mais assustadora, os riscos são mais e maiores. São milhares, aqueles que morrem. E por fim, o que encontram? Uma manjedoura de arame farpado.

A Irmã Irene Guia, da Congregação das Escravas do Sagrado Coração de Jesus, que tanto inspirou este número dedicado a todos os que fogem e procuram refúgio, dizia em público, muito recentemente que “estamos doentes”. Não estamos inteiros.

Ao longo deste número da Revista Impulso Positivo, as palavras “humano”, “humanidade”, “dignidade”, serão provavelmente as mais vistas. Mas afinal onde é que estão? Como somos capazes de não ver nas imagens que nos assaltam todos os dias, o ser humano, semelhante a nós, que sofre desmesuradamente? Onde está a humanidade que concretiza ao abrimos mão do egoísmo que não nos faz querer os outros? Onde está a nossa própria dignidade ao ignoramos o que se passa à nossa porta? E já agora, onde está aquela vontade infantil de quereremos fazer parte dos bons da fita? Este é o maior medo que se pode ter:

Deixarmos de Ser Humanos. Estamos em risco.

Ao longo das próximas páginas vai encontrar a história de quem vive de perto a realidade nos países de origem mas também do lado de cá do Mediterrâneo. Deixe-se inspirar. É preciso atuar. É preciso Acolher. Bem.

Feliz Natal e um novo ano cheio de esperança.

Leonor A. Rodrigues
GESTORA DE PROJETO

*Siga-nos em

www.impulsopositivo.com



facebook.com/impulsopositivo



twitter.com/impulsopositivo

O PROJETO IMPULSO POSITIVO É APOIADO POR:



Montepio



Novembro/Dezembro 2015

Administração Raquel Campos Franco | António Gil Machado · **Direção** Raquel Campos Franco | rcf Franco@impulsopositivo.com · **Edição** Leonor Rodrigues | larodrigues@impulsopositivo.com · **Capa** Teresa Fontes · **Projecto Gráfico** Gonçalo Forte (Brandscape Leisure & Lifestyle, Lda) · **Design Gráfico** tê3.colectivo@gmail.com · **Impressão** Uniarte Gráfica S.A., Rua Pinheiro de Campanhã, 342, 4300-414 Porto · **Assinaturas** Paula Moreira · **Propriedade** Positivagenda – Edições Periódicas e Multimédia, Lda. · **Preço** Assinatura anual (6 números): 70€ | Avulso: 12€ · **Tiragem** 5000 exemplares · **Redação, Administração e Assinaturas** PORTO – R. Gonçalo Cristovão nº 185, 6º 4049-012 PORTO Tel 222 085 009 | Fax 222 085 010 · **Redação, Administração e Assinaturas** LISBOA Av. Fontes Pereira de Melo, nº 6 – 4º andar, 1069-106 Lisboa | Tel. 217 970 029 | Fax. 217 970 030 · **Nº Registo ERC** 126045

Serviço



SCHMITT+SOHN
ELEVADORES

Asseguramos o perfeito funcionamento e segurança dos seus elevadores.



- + Assistência Técnica Especializada
- + Serviço 24 horas
- + Manutenção a todas as marcas de elevadores, ao melhor custo

Contacte-nos!

Delegações (licenciadas)

Porto 229 569 000

Lisboa 213 030 350

Coimbra 239 493 803

Braga 253 610 819

Castelo Branco 272 342 428

Faro 289 822 758

Outros centros de atendimento

Leiria

Vila Real

Moura

info@schmitt-elevadores.com

www.schmitt-elevadores.com



150
1868-2018

Café Memória chega a Guimarães em janeiro

A Sonae Sierra e a Associação Alzheimer Portugal assinaram um protocolo com o Lar de Santa Estefânia, entidade promotora local da iniciativa, com a Câmara Municipal de Guimarães e com o Hospital da Senhora da Oliveira – Guimarães, E.P.E, o Lions Clube e o Rotary Clube de Guimarães e ainda com o Restaurante Vila Flor, para a criação de um Café Memória em Guimarães.

As sessões do Café Memória de Guimarães irão funcionar no Café Concerto do Centro Cultural Vila Flor, nos quartos sábados de cada mês, das 10h às 12h, sendo que a primeira sessão está agendada já para o próximo dia 23 de janeiro.

A expansão do projeto à cidade de Guimarães está integrada na estratégia de alargamento da iniciativa a diferentes regiões do país, com o objetivo de levar esta resposta social a um número cada vez maior de pessoas com problemas de memória ou demência, seus familiares e cuidadores. Com este acordo, o projeto com cerca de dois anos e meio de existência passa a contar com dez locais de encontro: Lisboa, em três espaços diferentes, Cascais, Porto, Viana do Castelo, Oeiras, Viseu, Braga e, agora, Guimarães.



O nascimento da filha de Mark Zuckerberg e a doação histórica

Deixar um mundo melhor para a filha recém-nascida e para as outras crianças. Numa carta que também serviu para anunciar o nascimento da filha, Max, o fundador da rede social Facebook, Mark Zuckerberg e a esposa, Priscilla Chan, anunciaram a doação de 99 % das suas ações da empresa que tem um valor estimado de 45 mil milhões de dólares.

O destino será uma nova fundação, a Chan Zuckerberg Initiative, destinada a melhorar o potencial humano e a promover a igualdade entre todas as crianças na próxima geração.

A doação será feita ao longo da vida.

Zuckerberg de 31 anos, que controlará o novo projeto com a mulher, vai manter-se no comando na rede social mais bem-sucedida do mundo.

Garantiu também que vai doar ou vender ações no valor de mil milhões de dólares nos próximos três anos.

Número de meninas noivas em África pode duplicar até 2050

Se os níveis atuais persistirem, o número total de meninas noivas em África vai aumentar de 125 milhões para 310 milhões até 2050, segundo um relatório da UNICEF divulgado na Cimeira da União Africana sobre as Raparigas em Lusaka, na Zâmbia.

O relatório estatístico da UNICEF, 'A Profile of Child Marriage in Africa' (Perfil do casamento na infância em África), aponta para taxas de redução lentas, combinadas com um rápido crescimento demográfico, como principais causas do aumento projetado. Em todas as outras regiões do mundo, as atuais taxas de redução e tendências demográficas significam que haverá menos meninas noivas a cada ano. Até 2050, África irá ultrapassar o Sul da Ásia como a região com o número mais elevado de mulheres entre os 20 e os 24 anos de idade que terão casado na infância. "O casamento na infância gera normas que se têm tornado cada vez mais difíceis de exterminar – normas que subestimam o valor das nossas mulheres," afirmou a Presidente da Comissão da União Africana, Nkosozana Dlamini Zuma. "Através de uma maior sensibilização, a par de uma abordagem colaborativa, os efeitos nefastos do casamento na infância podem ser erradicados." No continente africano, a percentagem de jovens mulheres que casaram na infância baixou de 44 por cento em 1990 para 34 por cento atualmente. Dado que se prevê que a população total de raparigas em África aumente dos 275 milhões atuais para 465 milhões até 2050, são necessárias medidas muito mais ambiciosas – já que mesmo a duplicação da atual taxa de redução de casamentos na infância significaria, ainda assim, um aumento do número de meninas noivas.

Os progressos até agora revelam uma profunda falta de equidade: a probabilidade de uma rapariga proveniente do quinto mais pobre da sociedade vir a casar na infância é tão forte hoje como o era há 25 anos. Quando as crianças casam, as suas perspetivas de vir a ter uma vida saudável e bem-sucedida diminuem drasticamente, desencadeando muitas vezes um ciclo intergeracional de pobreza. As meninas noivas têm menos probabilidades de terminar a sua escolaridade, mais probabilidades de vir a ser vítimas de violência e de serem infetadas com o VIH. As crianças de mães adolescentes correm um maior risco de vir a ser nados-mortos, de morrer após o parto ou de ter baixo peso à nascença. As meninas noivas muitas vezes não dispõem das competências necessárias para o mundo do emprego. "Por si só, o número de raparigas afetadas – e o que tal significa em termos de infâncias perdidas e futuros estilhaçados – sublinham a urgência de banir a prática do casamento na infância de uma vez por todas," afirmou o Director Executivo da UNICEF, Anthony Lake. "Os dados também revelam claramente que, para acabar com o casamento na infância, é preciso um enfoque muito mais nítido em alcançar as raparigas mais pobres e marginalizadas – aquelas que estão mais carenciadas e correm maiores riscos – através de uma educação de qualidade e de um leque de outros serviços de proteção. A sua vida, e o seu futuro, bem como o futuro das suas comunidades, estão em perigo. Cada menina noiva representa uma tragédia individual. O aumento do seu número é intolerável.", da Jordânia. Cada um dos voos fretados pode levar até 350 pessoas.

“Ser deficiente não é insulto”

“Ser deficiente não é insulto” é o nome da nova campanha de consciencialização do BIPP – Inclusão para a Deficiência – que visa alertar para o facto de as expressões como deficiente ou atrasado mental não deverem ser utilizadas como insultos a comportamentos humanos censuráveis. O objetivo é alertar contra os conceitos preestabelecidos na sociedade que revelam uma situação grave que está na base dos comportamentos de exclusão social dos cidadãos com deficiência.

Para Joana Santiago, Presidente do BIPP, “A reflexão pessoal é fundamental para permitir a mudança social de comportamentos e eliminar a utilização corriqueira de termos com conotação negativa e de tom insultuoso que servem de bengalas de discurso a crianças e adultos, mas essencialmente a figuras públicas e líderes de opinião”. E acrescenta, “A educação linguística é importante para que as deficiências não continuem a ser citadas servindo de insulto a comportamentos censuráveis, como a parvoíce, a estupidez, a insensibilidade, a irreflexão e tantos outros exemplos para os quais o léxico português tem inúmeros adjetivos mais adequados”.

A campanha irá decorrer nas redes sociais, no micro-site de campanha e no Website do BIPP e conta com o apoio de várias figuras públicas que se irão associar em cadeia através do sistema de referência online, gerando um efeito de multiplicação.

O BIPP – Soluções para a Deficiência pretende assim dar seguimento ao projeto “Diferença ou Defeito?” lançado em Junho deste ano que serviu de lançamento da primeira Loja Online de Doações de Portugal através de um vídeo divulgado online. O objetivo do BIP é continuar a agir sobre o futuro dos cidadãos com deficiência através da construção de uma sociedade mais inclusiva.



PLATAFORMA DE APOIO AOS
REFUGIADOS

PAR critica incapacidade na recolocação de refugiados

A Plataforma de Apoio ao Refugiados - PAR criticou severamente, esta quinta-feira, a forma lenta e a incapacidade demonstrada pela União Europeia, e muito concretamente, por Portugal, na recolocação dos 160.000 refugiados, como foi aprovado em Setembro passado em Conselho Europeu. “A evidência mais recente de incapacidade de executar o programa de recolocação de 160.000 refugiados, aprovado em Setembro passado num Conselho Europeu, dá bem a medida da incompetência e falta de vontade política dos Estados-membros e das instâncias europeias em cumprir as suas próprias decisões. Desta forma, o problema agrava-se, todos os dias, um pouco mais”, pode ler-se no comunicado.

A PAR reafirma ainda a urgência que existe em acolher os refugiados que pedem asilo à Europa, “sem mais demoras”, e a sua “integração adequada, em condições dignas e humanas”, defendendo que existem condições para que isso ocorra, “sem prejuízo das medidas de segurança que são essenciais para todos”.

A falta de vontade política e a atitude de indiferença face ao que se passava, por exemplo, em países limítrofes nos últimos anos, é de lamentar, segundo a PAR: “Desde a falta de solidariedade com os países limítrofes no apoio à sua gestão dos refugiados até à total incapacidade de planear e executar, no tempo oportuno, o acolhimento dos refugiados que começaram a procurar abrigo entre nós, somaram os erros que hoje são evidentes e cujas consequências têm um elevado custo humano, social e político”.

Para esta Plataforma que já conta com uma resposta concreta de acolhimento a médio prazo para cerca de 600 refugiados, através do seu programa PAR Famílias, a espera para que a recolocação dos refugiados pela Europa aconteça é incompreensível, assim como os “adiamentos sucessivos”, “apesar de estarem reunidas condições de acolhimento suficientes”. A PAR sublinha ainda que devem “ser tomadas as medidas necessárias para desbloquear urgentemente esta situação, nomeadamente acionando mecanismos alternativos de cooperação bilateral com outros Estados-membros, para os apoiar na recolocação de refugiados presentes em seu território”.

A resposta dada até ao momento pela União Europeia, e muito concretamente por Portugal é claramente medíocre, pouco clara e demasiado morosa face à velocidade tremenda com que este fenómeno tão doloroso, de fuga ao terror, se tem desenvolvido, fazendo com que, para além de tudo, se intensifiquem tensões não só para quem foge mas também para os cidadãos que virão a acolher. A PAR “apela aos portugueses que não deixem de afirmar o seu espírito solidário e humanista com todos aqueles que sendo vítimas de violência se tornaram refugiados, independentemente da sua origem, religião, nacionalidade, género ou idade”.



Uma criança morre a cada 2,5 minutos por falta de condições sanitárias

Uma criança morre a cada 2,5 minutos por falta de condições sanitárias. A ONU apelou no final de novembro aos líderes de opinião e de educação religiosa nas regiões em desenvolvimento a que se juntem aos funcionários dos governos para defender o fim da defecação ao ar livre, uma prática de mil milhões de pessoas em todo o mundo - um sexto dos 5,9 mil milhões de habitantes do mundo em desenvolvimento. O Secretário-geral adjunto da ONU, Jan Eliasson destacou a ameaça à saúde que a falta de acesso ao saneamento representa, e os perigos concretos que a defecação ao ar livre coloca a mulheres e meninas.

"Ao longo de todas as fases da vida, mulheres e meninas são as maiores vítimas da falta de acesso às instalações sanitárias. As meninas são mais propensas a abandonar a escola se não tiverem acesso a casas de banho seguras e limpas. Mulheres e meninas também podem arriscar assédio e abuso sexual ao tentar usar sanitários públicos, ou quando procuram um lugar para defecar ao ar livre. O acesso universal ao saneamento tem um papel claro a desempenhar na defesa da segurança das mulheres, dignidade e igualdade", disse Eliasson.

Em março de 2013, o Secretário-geral adjunto, em nome do secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, lançou a campanha "Call to Action on Sanitation" (Agir pelo Saneamento). Esta, por sua vez, inspirou a campanha "Open Defecation" da ONU.

Cerca de 825 milhões de pessoas, 82% dos mil milhões que praticam defecação ao ar livre, residem em apenas 10 países, cinco delas na Ásia, e cinco em África. No resto do mundo, o número de pessoas que praticam a defecação ao ar livre está estimado em 182 milhões. Para mais informações sobre esta problemática, visite o site do Dia Mundial das Instalações Sanitárias: www.unwater.org/worldtoiletday.

GRACE lança campanha de sensibilização para a responsabilidade social

No âmbito das comemorações do 15º aniversário, o GRACE lançou uma campanha de sensibilização ao consumidor para a importância da responsabilidade social corporativa. Esta campanha, inédita em Portugal, conta com o apoio das várias empresas associadas do GRACE, desde a sua conceção, a cargo da J. Walter Thompson, à divulgação em espaços na Imprensa, outdoor, digital, entre outros.

Os Transportes de Lisboa disponibilizaram espaço nos autocarros, a Delta nos pacotes de açúcar, a Portugália Restauração e a Eurest nos seus locais de atendimento ao público. A divulgação desta iniciativa será igualmente reforçada nas revistas internas, newsletters, sites e redes sociais dos demais associados.

"Esta iniciativa surge no contexto da celebração dos 15 anos do GRACE, a maior associação nacional a promover a Responsabilidade Social Corporativa, e o objetivo é dar a conhecer ao consumidor que há empresas que incluem na sua gestão as questões da sustentabilidade e da responsabilidade social. Esperamos que esta campanha seja inspiradora e contribua para que todos, consumidores e empresas, construam um futuro melhor", refere Paula Guimarães, Presidente do GRACE.

Com esta campanha de sensibilização, que tem início em Novembro e terminará em Janeiro, o GRACE pretende chegar ao consumidor sensibilizando-o para a importância de preferir empresas socialmente responsáveis.

Canadá acolhe 25.000 refugiados

As autoridades canadianas estão a registar 800 refugiados sírios por dia nos campos de Amã na Jordânia e Beirute no Líbano. O primeiro avião de refugiados destes campos chegou ao Canadá dia 9 de dezembro. O governo aceitou abrir portas a 25 mil refugiados sírios ainda neste ano e cumprir uma das promessas eleitorais do primeiro-ministro, Justin Trudeau.

O ministro de Imigração, John McCallum, anunciou a formação de uma comitê do qual fazem parte nove ministros do governo de Trudeau, para possibilitar a chegada destas pessoas ao longo dos próximos três meses. Em conferência de imprensa McCallum declarou: "Se um dos funcionários que fazem a entrevista tem qualquer razão para questionar um caso individual, bem, nesse caso, a pessoa espera e os outros refugiados podem continuar. E este aspeto explica por que as nossas medidas de segurança são sólidas".

Vários autarcas terão já manifestado a vontade de receber estas pessoas nos seus municípios de forma a ajudar o governo a resolver a logística para estes milhares de famílias. A possibilidade de utilizar companhias aéreas comerciais e a força aérea para transportar os refugiados está já a ser equacionada pelas autoridades. Dois voos charter por dia podem operar a partir da Jordânia. Cada um dos voos fretados pode levar até 350 pessoas.



Marketplace Lisboa: 185.000 euros de impacto social estimado

A edição do Marketplace em Lisboa, que se realizou a 19 de Novembro, no Museu da Eletricidade, formalizou 122 matches (troca de produtos e serviços) entre Empresas e Instituições de carácter social, bem como entre Instituições. Este mercado reuniu, na Sala dos Geradores do museu, aproximadamente 150 representantes de Empresas e Instituições e alcançou um impacto social estimado de cerca de 185.000€ como resultado das inúmeras parcerias concretizadas.

Ao longo de 2015, nas quatro edições do Marketplace, foram formalizados 451 matches entre Empresas e Instituições de carácter social e alcançado um impacto social estimado de mais de 720.000€.

Apesar de, nesta segunda edição do Marketplace Lisboa, se ter contado com menos participantes do que na primeira, o número total de matches realizados foi exatamente o mesmo nos dois eventos. "Esta edição do Marketplace traduziu-se mais uma vez numa excelente oportunidade para as Empresas darem resposta às necessidades das Instituições sem fins lucrativos nesta época natalícia e, ao mesmo tempo, estabelecerem parcerias para ações futuras, trabalharem a sua reputação e cimentarem a sua posição de Responsabilidade Social, sempre num ambiente bastante informal. Algumas Empresas, não participantes, que apenas visitaram o Marketplace Lisboa, confirmaram a sua inscrição numa próxima edição!", afirma Natasha von Mühlen, Directora da FIX Social Engagement, empresa organizadora do Marketplace Lisboa, em comunicado. Para 2016, este Mercado Social conta já com quatro edições confirmadas, esperando, no entanto, conseguir organizar, pelo menos, seis.

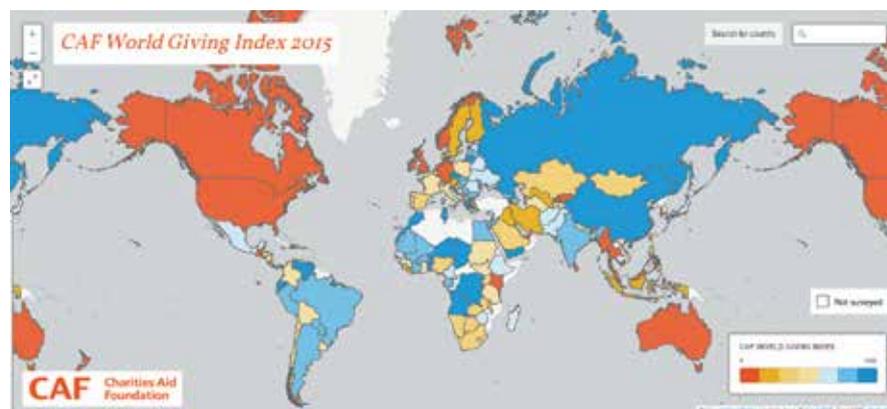
Quais são os países mais solidários do mundo?

Já foram publicados os dados de 2015 do World Giving Index - o índice que avalia os níveis de solidariedade dos cidadãos de 145 países do mundo. Na liderança está o Mianmar. Portugal fica em 82º.

Portugal desceu no ranking dos países mais solidários do mundo, passando do 78º lugar para o 82º. O World Giving Index 2015, um relatório anual que avalia ações de solidariedade de cidadãos dos 145 países estudados, assenta em três categorias, segundo explica o jornal The Guardian: a ajuda a cidadãos estrangeiros, a doação de dinheiro para fins de caridade e o tempo despendido em ações de voluntariado. Portugal mantém-se atrás de países europeus como a Holanda (7º), Irlanda (9º), Reino Unido (6º), Alemanha (20º), Espanha (58º) e Itália (72º). E foi ainda ultrapassado pela França, que, no espaço de um ano, subiu do 90º lugar para a 74ª posição.

No apoio a cidadãos estrangeiros, os portugueses encontram-se nos primeiros 70 lugares do ranking: na 66ª posição, mais especificamente. Porém, quanto à percentagem de cidadãos nacionais que doam dinheiro para fins de caridade, Portugal fica apenas na 85ª posição. E os resultados são ainda piores no que toca à proporção de portugueses que fazem voluntariado: o país fica no 91º lugar, entre os 145 países estudados. O relatório é publicado pela fundação britânica Charities Aid Foundation, e reúne dados compilados anualmente pela Gallup, uma empresa norte-americana. De realçar ainda que do top 10 do ranking, liderado pelo Mianmar, apenas 3 países europeus fazem parte.

Saiba mais sobre o World Giving Index 2015 em www.cafonline.org.



OPINIÃO

Quando há Sol, não é para todos.

Por Gustavo Carona
Voluntário da organização Médicos Sem Fronteiras

Estava com medo. Não sou diferente dos demais, uma guerra assusta. E os contornos que esta guerra civil atingiu, com uma enorme exposição mediática, faziam-me crer que seria diferente das outras. Esta foi a minha quarta guerra, enquanto médico a trabalhar para os Médicos Sem Fronteiras (MSF), depois de Congo, Paquistão e Afeganistão. A experiência ajuda a lidar com as emoções, pois esta missão não seria claramente para principiantes. No entanto, é doloroso entrar no avião, deixar a sofrer as pessoas de quem mais gosto, e ao olhar para baixo pela janela do avião, despeço-me da minha querida cidade do Porto, com uma lágrima no canto do olho, não sabendo se não será a última vez que vejo este meu grande amor, e tudo o que ele representa para mim... Tenho medo, mas nem hesitei, quando me foi proposto ir para a Síria. As minhas motivações superam largamente os meus medos e talvez ao lerem este texto compreenderão porquê.

Por vezes perguntam-me: *“Como é possível arriscares a tua vida?”* Normalmente sorrio, enquanto respondo para dentro em silêncio: *“Como é possível não o fazer?”*

Fui sozinho, direto para a Turquia, com o meu cachecol do F.C. Porto, que tem superpoderes, porque representa os que levo comigo, enche-me o coração, e faz-me sentir mais forte. Aterrei na cidade de Hatay, já bem perto da fronteira com a Síria, onde se reunia esta equipa, que iria reabrir o hospital no norte da Síria, evacuado pela crescente ameaça do Estado Islâmico. Não há tempo a perder, fui direto para uma reunião, onde nos explicaram o plano, de como iríamos entrar na Síria, esmiuçando todos os cuidados a ter, assim como, todas as regras de segurança. O coração aperta, e sinto um nó na garganta, quando vemos no mapa os cerca de 250 quilómetros, que teremos que fazer de estradas na Síria, com diversas zonas, onde os bombardeamentos são frequentes...e começo aqui a sentir a guerra.

Nessa noite, achei ouvir bombardeamentos, pois já estava muito perto da Síria, mas provavelmente era o meu imaginário.

No dia seguinte viajámos até à cidade Killis, que embora longe seria o único ponto de fronteira em que a Turquia nos permitiria entrar. Killis, fica já colado à fronteira com a Síria, e nas imediações o nosso campo de visão, é invadido por campos de refugiados sírios,



Gustavo Carona quando passou a fronteira da Síria para a Turquia no seu regresso, num camião cheio de refugiados Sírios

e vemos nas suas caras a dor de um povo, órfão de um país, com uma alma sofrida e massacrada. Nessa noite, a última antes de passar a fronteira, vamos beber a última cerveja, porque na Síria estamos proibidos, e nesse que era o único bar de Killis, um grupo de homens Sírios, bebem e dançam uns com os outros como se não houvesse amanhã. Leio no seu desprendimento uma mistura explosiva de alegria por terem fugido à guerra, com a tristeza profunda de quem abandonou a sua amada pátria. Muito intenso. Fez-me pensar.

De manhãzinha, atravessámos a fronteira a pé! Não são permitidos veículos. A polícia turca carimba o nosso passaporte, e depois fazemos alguns quilómetros a pé, bem carregados, em sentido contrário ao dos refugiados.

Do lado de lá, na Síria, não há ninguém para nos carimbar o passaporte, mas sim, uma série de homens armados, de aspeto duvidoso, mas são do *Free Syrian Army* (considerados moderados), a oposição ao regime que luta pela democracia, contra o ditador Bashar Al Assad. Aqui temos duas carrinhas à espera, e partimos em direção ao nosso destino, perto de Idlib, bem próximo das linhas da frente do conflito. As nossas carrinhas, têm o logo dos MSF, assim como escrito em árabe *“Médicos Sem Fronteiras”*, e é apenas isto que nos protege.

Atravessámos uma boa parte do norte da Síria, e eu vinha colado à janela a absorver esta paisagem, absolutamente lunática, com vilas e aldeias abandonadas, onde as marcas de guerra, com casas bombardeadas, não deixam dúvidas dos porquês de quem largou tudo. Nalguns momentos passámos por 4x4s de caixa aberta com metralhadoras enormes, que nos dão um friozinho na barriga, bastante desconfortável, mas ao qual nos vamos habituando. Torna-se normal a presença da máquina de guerra.

Talvez o momento que guardo com mais carinho até hoje, terá sido a nossa chegada à vila que seria a minha casa e onde se encontrava o pequeno hospital. Os locais sabiam da nossa chegada, e celebraram este momento de uma forma que até dói na alma tentar descrever. Não consigo segurar as lágrimas ao transmitir-vos isto. Gritos de alegria, olhos húmidos de emoção, palavras e abraços quentes a pessoas (nós) que não conheciam. O entusiasmo daquele

povo transbordava em cada respiro: Os Médicos Sem Fronteiras voltaram! Isto significa que a ausência total de cuidados de saúde num raio de dezenas ou centenas de quilómetros, acabou. Mas muito mais do que isso, sentem que nem todos os abandonaram. A nossa presença personifica a esperança, de quem já não sabe a que se agarrar, e só aí, sem ter salvo (ainda) nenhuma vida, já clarifiquei na minha cabeça, que valeu a pena, ter deixado os meus queridos a sofrer em Portugal. Percebem agora?

Os MSF, tinham evacuado este hospital, pela transformação do contexto cultural, devido à pressão da radicalização de grupos extremistas, que a cada dia condicionavam mais, todos em seu redor. As pessoas viviam com medo duplo: do sanguinário ditador, que não hesita em matar quantos pode, e este oportunismo de grupos radicais islâmicos, que moldavam e aterrorizavam, todo um povo bastante moderado e humanamente fantástico.

Numa gelada manhã de inverno, na minha inocência apreciava um bonito nascer do sol, num céu azul até perder de vista, e comentei com os locais que trabalhavam comigo: *“Que lindo dia de sol!”*. Mas a resposta foi pronta e muito clara: *“Está um dia horrível. O céu está limpo...eles vão voar!”*. Engoli em seco, congelei em silêncio, e não tardou muito a avistar um MIG, da força aérea Síria, a sobrevoar a zona, a escolher os alvos a bombardear. É no mínimo estranho sentirmo-nos um alvo, só porque sim. E aí, dei por mim a desconstruir, uma verdade universal, da minha visão mágica e holística da vida e da sua verdadeira essência: *“Quando há Sol é para todos!”*. Não! Para alguns, um dia lindo, significa temer pela vida e olhar os céus, à mercê de maldades atrozes, impotentes perante a força da ganância pelo poder.

“Quando há Sol, NÃO é para todos!”

Várias vezes nos refugiávamos num bunker do hospital quando éramos sobrevoados, por aviões ou pior ainda pelos helicópteros. Assim como passei noites no bunker da casa, quando os rockets aleatórios, faziam tremer o chão estrondosamente. Mas senti-me bem, pela magnitude do significado que dava à presença dos MSF, num cenário tão complicado.

Sou médico, fico feliz quando sinto que fiz a diferença, quando salvo vidas. E salvámos muitas, crianças, mulheres, velhos e novos, inclusive homens de grupos extremistas, que se calhar noutra circunstância nos poderiam querer fazer mal, mas nós não julgámos. Nós salvámos vidas! E guardo com um prazer indescritível, momentos de horas e horas de trabalho, para cumprir a missão a que me propus e que define todos aqueles que acreditam nos mesmos ideais que eu! Essa será a minha grande conquista pessoal: as vidas que eu salvei, que no imediato me fizeram sentir especial e me motivam a continuar. Esta é apenas uma das razões que faz tanto querer ir. A outra é bem maior! A outra é por ti que me estás a ler. É por todos aqueles que sei que os MSF representam,

por este mundo fora. É pelos milhares que não se conseguem fazer ouvir, que não querem mais guerras, que preferem mandar ajuda ao contrário do ridículamente estúpido contra-senso de mandar mais bombas.

Eu, Tu, Nós, os Médicos Sem Fronteiras, e muitos mais, levamos à letra a premissa que sustenta a humanidade: Todos os Seres Humanos são Iguais!

O meu convívio de grande proximidade com o povo Sírio, em que nas suas histórias de vida, me imaginava, vezes sem conta, embora doloroso é onde eu encontro a minha alma mais bonita e acima de tudo mais honesta! E se fosse a minha família? E se fosse a minha casa? E se fosse o meu país? Que pensaria eu de uma inteira humanidade que (n)os abandonou?

“Quando há Sol, não é para todos!”

Lá passei o meu Natal. Tive saudades, mas não me custou muito. Custou-me sim, o dia, em que me fui embora, e um dos nossos tradutores, agora amigo Faut, me foi levar à fronteira por questões de segurança. Odeio despedidas. São demasiadas emoções. Mas esta foi claramente a pior! Eu vinha embora, a caminho da minha segurança e conforto, e assim virava costas a pessoas que sei porque o provaram, que davam a vida por mim, e foi neste turbilhão de emoções, que o Faut de sorriso na cara à medida que me afastava de mochila às costas me diz: *“Dont forget about us, Gustavo!”*, e de rajada respondi: *“Never, my dear friend, Never!”*. Bati no coração com muita força e sorri, virando as costas rapidamente, para que não visse que me ia desfazer em lágrimas.

Podia contar mais mil e uma histórias, para que exercitassem algo que tem tanto de difícil como de importante: a capacidade de sentirmos empatia por vidas que nos parecem longínquas e depois, apenas e só, agir, como gostaríamos que agissem connosco.

Honestidade e Justiça...porque

“Quando há Sol, Não é para todos!”

“Para alguns, um dia lindo, significa temer pela vida e olhar os céus, à mercê de maldades atrozes, impotentes perante a força da ganância pelo poder.”

PORQUE QUEREMOS ACOLHER?

O que nos leva, enquanto seres humanos, a querer acolher quem foge da guerra e dos conflitos armados. Organizações públicas, privadas, com e sem fins lucrativos, abrem os braços sem reservas. Quisemos saber porquê.



Manuel de Lemos

Presidente da União das Misericórdias Portuguesas

Porque acolher e acudir aqueles que precisam de ajuda é uma das características basilares da nossa identidade. A nossa missão inspira-se nas 14 obras de misericórdia. Fraternidade e amor ao próximo serão porventura a essência deste ideal programático. Todos os dias e há mais de 500 anos, as obras de misericórdia têm vindo a sofrer alterações naquilo que é a sua concretização no terreno, mas há nelas algo de inerente, perene e distinto: a noção de que o bem-estar “do outro” importa tanto como “o meu próprio” bem-estar. “Dar pousada a peregrinos” é uma dessas obras. Se quisermos pensar que os refugiados são verdadeiros peregrinos dos tempos modernos, então todos perceberemos que as Misericórdias não podem ficar indiferentes, desde logo, porque auxiliar e intervir neste problema é, assim, na prática, intervir no esplendor da nossa missão.

As Misericórdias portuguesas, inspiradas pelo seu ideário, afirmam a sua disponibilidade para, também no que respeita aos refugiados, concretizar em atos as recentes palavras do Papa Francisco na Bula Papal do Jubileu Extraordinário da Misericórdia: *“Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs, privados da própria dignidade e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda. As nossas mãos apertem as suas mãos e estreitamo-los a nós para que sintam o calor da nossa presença, da amizade e da fraternidade.”*

Vânia Neto

Diretora para a área da Educação, Cidadania e Responsabilidade Social Corporativa da Microsoft Portugal

A Microsoft tem como missão ajudar todas as pessoas e organizações, em todo o mundo a conseguirem fazer mais. Ora, deparando-nos com o flagelo das inúmeras famílias de refugiados que todos os dias vemos na televisão, não podíamos ficar indiferentes. Numa iniciativa interna chamada “WE Care”, os colaboradores são convidados a envolverem-se nesta missão, através de donativos voluntários, e a empresa complementa esses donativos, através da doação direta de um valor igual ao que foi recolhido entre os colaboradores, para ter um impacto maior.

Acreditamos que o apoio da Microsoft Portugal e de todos os seus colaboradores pode ser um importante contributo para acolher e apoiar estas famílias com a dignidade que merecem.

Queremos acolher, porque queremos contribuir ativamente para uma sociedade mais justa e igualitária (um dos pilares da nossa política de responsabilidade social corporativa), pelo que não podíamos enquanto empresa e cidadãos, ficar indiferentes. Esperamos poder apoiar pelo menos uma família e dar um “*Impulso Positivo*” ao futuro destes refugiados.





Alfredo Abreu

Presidente da Direção da Serve the City Portugal

A presente crise de refugiados, que tendo em conta a degradação dos ecossistemas e dos climas do Planeta poderá ser apenas a ponte de um colossal iceberg, coloca-nos perante uma escolha: Irmos em frente ou retrocedermos. Neste caso, significa voltar a uma ideia de Cidade primitiva, que se encerra dentro de muros e se conforma em viver sitiada. Na nossa geração essas muralhas ilusórias são o medo, a desconfiança e a exclusão mais ou menos arbitrária (consoante os medos predominantes em cada momento). Em alternativa poderemos ir de encontro a uma nova realidade histórica, a de uma Cidade que integra e se enriquece na “aldeia global”. Abraçar o presente (onde a diversidade já é um dado adquirido) e construir o nosso futuro com esforço, determinação, diálogo e muita criatividade, parece-me a escolha certa, a que tem mais para oferecer, a cada um de nós e ao coletivo. Essa Cidade que imaginamos, que aprendemos a fazer, apreciar e valorizar, é uma Cidade onde cada um

é reconhecido por quem é, onde há uma diversidade de experiências, de visões do mundo, de expectativas. A nossa Cidade será, então, um símbolo e uma inspiração que alimenta a Esperança, sem a qual todos definhamos.

Luís Alberto Sá Silva

Presidente do Conselho de Administração da União das Mutualidades Portuguesas

Para a União das Mutualidades Portuguesas, o essencial são as pessoas. Não podemos – nem devemos – ficar indiferentes assistindo ao dramático aumento, em todo o mundo, da migração forçada causada por guerras e conflitos. Poria antes a questão: como podemos não querer acolher? As Entidades da Economia Social e Solidária, logo também o Movimento Mutualista, têm-se mobilizado para auxiliar os mais de 4.000 refugiados que Portugal receberá. Os movimentos solidários têm-se multiplicado, por todo o país, mostrando que os portugueses estão atentos e não querem ficar de fora.

Os valores do Mutualismo, solidariedade, igualdade, proteção, cidadania e inclusão social, justificam que as Associações Mutualistas se mobilizem para apoiar os refugiados. Não podemos ficar de braços cruzados. Ninguém pode.

Temos trabalhado em conjunto com as Associadas diferentes formas de participar na solução que permitirá salvar vidas e criar condições de inserção social dos refugiados. Para além disso, associámo-nos à PAR – Plataforma de Apoio aos Refugiados para, num esforço conjunto, se criarem condições no terreno para alojamento, aprendizagem da língua portuguesa, alimentação, acesso à saúde e educação e trabalho, para a sua autonomização.



Guilherme Pinto

Presidente da Câmara Municipal de Matosinhos

Matosinhos é um município que se orgulha da vitalidade e proatividade com que vive os valores democráticos e humanistas. Cidadania e democracia não é algo que apenas se apregoe, é o que se faz intencionalmente no quotidiano para que a cidade seja vivida, participada e plural na inclusão e valorização de cada pessoa que a compõe.

A liberdade, a solidariedade e o respeito máximo pela dignidade humana são valores exaltados por todas e todos nós. Por isso, principalmente em alturas críticas, quando chega a hora da verdade, estes têm que ser os valores mais altos: mulheres, homens ou crianças, independentemente da sua origem ou do seu credo, são pessoas, como cada um e cada uma de nós, e se estão em grave sofrimento e necessitam do nosso auxílio, negá-lo é trair a nossa identidade. As pessoas refugiadas estão a ser perseguidas e a fugir, também elas, das monstruosidades que começam agora a chegar perto de nós – se lhes fecharmos portas

estamos a ser cúmplices. Só acolhendo de forma generosa e humana é que afirmamos a supremacia dos nossos valores sobre o medo. Ninguém que se diga humanista pode ficar indiferente à crise das pessoas refugiadas, por isso isto não é uma questão de querer ou de opção, é uma questão de sermos de facto aquilo que afirmamos ser!

VIVA VOZ INTERNACIONAL

Esquecidos

Por: Amy Bird

Movida pelas imagens de pessoas que fugiam da guerra e vinham para a Europa, decidi renunciar às minhas férias de inverno para ajudar de alguma forma.

Quando comprei a minha viagem para Salónica, a segunda maior cidade da Grécia, com o objetivo de ajudar um grupo voluntário local, chegavam à estação de autocarro desta cidade cerca de 300 pessoas por dia, antes de fazerem a viagem para norte. Este grupo de voluntários dava-lhes chá quente.

Criei um Fundrazr (<https://fundrazr.com/>) para angariar dinheiro que me permitisse levar luvas, lenços e ponchos para a chuva, consciente de que o inverno estava a caminho.

No momento em que cheguei a Salónica, no início de outubro, tinha acabado de abrir um acampamento de fronteira em Idomeni, na fronteira com a Macedónia. Cruzavam a fronteira, todos os dias, entre 7.000 e 10.000 pessoas. Acabei por passar três semanas na fronteira, a distribuir comida e peças de vestuário quentes às pessoas que circulavam por todo o acampamento. O frio à noite era gelado e as necessidades eram imensas.

Voltei para casa e comecei a organizar a minha próxima viagem para três semanas depois. Durante este período, a fronteira foi fechada para pessoas que não fossem da Síria, Iraque ou do Afeganistão. Passou a haver uma seleção por nacionalidade, em vez de se ter em conta a necessidade individual ou a circunstância em que cada pessoa se encontrava.

As pessoas, agora completamente abandonadas na fronteira, protestaram. Nós, voluntários, montámos uma página de informação sobre o que se passava, no Facebook: *Forgotten in Idomeni*. Esta página foi criada, inicialmente para aumentar a consciencialização de voluntários, do público em geral, mas também dos refugiados sobre a situação. O interesse despoletado pela página de Facebook foi enorme, e esta tornou-se o caminho para juntar voluntários e organizações humanitárias, canalizar fundos de ajuda e voluntários para a fronteira, onde agora estavam 6.000 pessoas presas em condições desumanas, sem alimentos, abrigos ou saneamento.

Acabo de regressar de mais uma semana em Idomeni onde fiz frente a esta crise juntamente como voluntários locais e muitos outros independentes. Novamente, fornecendo informações, distribuindo comida, roupas quentes e dando todo o tipo de apoio que conseguia às pessoas que se encontram em Idomeni.

O campo está agora a ser "limpo" para que não fique ninguém esquecido em Idomeni. Aqueles que tinham ficado esquecidos em Idomeni estão agora a ser levados para Atenas e estão a viver em condições terríveis em campos de refugiados superlotados. A fronteira permanece aberta em Idomeni e milhares de pessoas cruzam-na todos os dias. Menos os "esquecidos".

As temperaturas continuam a descer e as necessidades dos refugiados em Atenas, em Idomeni e ao longo de toda a rota dos Balcãs, são maiores que nunca.



Idomeni



Amy Bird

“Acabei por passar três semanas na fronteira, a distribuir comida e peças de vestuário quentes às pessoas que circulavam por todo o acampamento. O frio à noite era gelado e as necessidades eram imensas.”

O Impulso Positivo apoia causas.

Disponibiliza espaço para venda de livros e dvds com condições muito especiais.

Loja on-line!

Contacte-nos já
e saiba como.
gestao@impulsopositivo.com



Visite: www.loja.impulsopositivo.com



Tony Calleja, Diretor Regional do JRS no Médio Oriente

“No final a grande pergunta é: o que nos torna mais humanos?”

Tony Calleja trabalha desde o ano 2000 com refugiados. Da Tanzânia ao Médio Oriente, o Diretor Regional do Jesuit Refugees Service (JRS), uma das organizações sem fins lucrativos internacionais mais experientes no terreno, vive a esperança, a dor e a alegria, para além do terror, daqueles “que ninguém quer”. Uma entrevista exclusiva capaz de retratar com uma lucidez sem limites, onde está a humanidade por trás da maior crise de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial.

Entrevista | Texto: Leonor Rodrigues

Impulso Positivo (IP): O que é ser refugiado?

TC: São pessoas que viram a sua vida, a sua história e o seu projeto a ser despedaçado, sem entender porquê. Muitos tiveram que fugir, uma experiência de terror, deixaram tudo, perderam tudo, vivem num limbo sem saber quando poderão voltar a casa, o que é que se está a passar em casa, se ainda há casa, se ficou alguma coisa do que tinham, sem saber qual é o futuro. É viver uma espécie de depressão permanente provocada pelo trauma em diferentes graus. Alguns viram coisas terríveis, perderam gente, ou foram espancados de uma ou outra forma e encontram-se numa situação indigna. A maioria dos refugiados ganhava a sua vida, tinha uma família. De repente, encontra-se dependente de outros para tudo, para se alimentar, para ter acesso à saúde, à educação, ao futuro, normalmente numa condição física humilhante, a ter que partilhar espaços, casas de banho, onde se precisa dos outros para todas as necessidades básicas e onde se regressa a uma vida primitiva, quase em todos os graus, sem trabalho, sem perspetiva, sem saber o que se vai passar.

IP: Apesar de tudo, ainda têm esperança?

TC: Há sempre uma esperança que é defraudada imediatamente, como por exemplo, a esperança de poder ir para algum lado mas quando se chega ser mandado embora. A maioria está muito consciente de que quer voltar mas não pode, de que o tempo vai passando, da necessidade de ter que se adaptar a esta vida que não é vida, porque está desfeita em pedaços. Uma das coisas mais terríveis para todo o ser humano é viver a vida sem ter um projeto. Estas pessoas tinham projetos que foram destruídos e já não existem. Agora encontram-se numa situação que se prolonga, que não faz sentido, que não controlam, pela qual não podem fazer nada.

IP: O que é viver num campo de refugiados?

TC: Costumo descrever a situação dizendo que é como estar num aeroporto sem passaporte. Não se pode voltar para trás nem andar para a frente, está-se estacionado, em situações precárias.

De repente estas pessoas são vítimas até do tempo. Se está frio, se está calor. Todo o tecido familiar se confunde, o pai está a tentar salvar a família, a mãe está a tentar sobreviver com o que encontra. Eu diria que é das piores coisas que podem acontecer a um ser humano, a uma família. Nós não vemos os refugiados como pessoas como nós. Pensamos que são seres especiais. É pior que ser estrangeiro num país. Normalmente o tratamento não é o mais digno, os países que recebem os refugiados não costumam ser muito acolhedores. E se o são no início com o tempo começa a criar-se uma certa hostilidade. Por vezes a desculpa para os problemas do próprio país são os refugiados. Toda a gente põe a culpa nos refugiados, é um bocadinho o que está a acontecer na Europa. É muito triste e um grande desgosto, alguém não se sentir acolhido. Numa terra longe, muitas vezes com outro idioma, muitas vezes com pessoas que nos exploram.

IP: Por onde já andou?

TC: Trabalhei quatro anos na Tanzânia, e depois, mais tarde estive nos Grandes Lagos, ou seja, Ruanda, Burundi e Congo, durante sete anos. Na Tanzânia trabalhava mais diretamente dentro dos campos de refugiados, durante o dia todo. Na realidade passei quatro anos sem fazer nada, entre aspas, porque estava acostumado a fazer muita coisa, montar projetos e de repente, o meu papel era simplesmente acompanhar, escutar, ver, observar. Depois no Burundi encontrei toda a gente que tinha conhecido na Tanzânia, mas desta vez, de volta a casa. Mais felizes mas também mais pobres. A experiência dos Grandes Lagos foi difícil, a situação era difícil, os conflitos, complicados. Agora estou há quase dois anos no Médio Oriente, com base em Beirute, no Líbano mas trabalhamos também na Síria, Turquia, Jordânia, e Iraque.

IP: Que trabalho tem feito o JRS no Médio Oriente?

TC: Agora na Síria, o JRS faz um trabalho que historicamente não tinha feito muito, o trabalho de ajuda humanitária direta. Temos refeitórios para milhares de pessoas, distribuição de

“É muito triste e um grande desgosto, alguém não se sentir acolhido.”

alimentos por toda a Síria, clínicas, alguns projetos de educação nas grandes cidades, como Damasco, Homs e Alepo, debaixo de bombardeamentos e de terror. Para isso tivemos de trabalhar muito, não tínhamos experiência. Costumávamos fazer mais o clássico que são as visitas às famílias, a educação das crianças, o ensino primário e secundário, as atividades capazes de gerar recursos que também têm como função gerar esperança e depois toda a ajuda comunitária com mulheres, famílias, assim como algumas atividades recreativas e de apoio.

IP: Continuam a fazer esse trabalho clássico?

TC: No Líbano e no Iraque fazemos muito este trabalho clássico baseado nestas quatro atividades, em estar e acompanhar estas pessoas, em acolher. Um trabalho muito particular, feito de uma forma profissional mas sem renunciarmos aos valores de acompanhar e escutar, porque esta é uma grande necessidade dos refugiados. Evidentemente que têm necessidade de comer, de encontrarem condições de saúde, de higiene, mas precisam de ser escutadas, precisam de contar a sua história, a sua dor e saber que a sua história já não precisa mais de ser vivida só para dentro.

IP: Existem particularidades, que tornam fundamental a adaptação do trabalho que vão realizando nos diferentes contextos?

TC: Na Turquia e na Jordânia estamos a trabalhar muito com refugiados esquecidos e de quem ninguém cuida, afgani, iraquianos, somali e sudaneses. Neste último caso, como são de regiões da África subsaariana, são também objeto de um racismo feroz. Precisam de alguém que se interesse por eles e os acompanhe. Isso também nos traz problemas, não somos muito bem vistos. No fundo, o que as pessoas gostavam é que os refugiados não existissem, e eles sabem-no. Isso é o que se passa também na Europa. É terrível. Então, é preciso alguém que repare que existem, que têm direitos, direito não só a estar aqui como a terem assistência humana, direito às suas esperanças, aos seus desejos e aos seus projetos. As pessoas pensam que os refugiados, pela sua condição, se deviam contentar com o facto de haver alguém que lhes põe comida na boca e esquecem-se que a dignidade, a sua história, os sentimentos do que se vê, do que se sente, do que se vive, são tão legítimos ou mais do que os de alguém que vive a sua vida comodamente.

IP: O que é que o surpreende?

TC: É interessante que as pessoas quando perdem tudo descobrem que tinham recursos internos. Muitas pessoas descobrem que a

única coisa que temos é Deus. E as pessoas dizem-no, não para parecer que são alguém que não são mas por verdade. Quando eu vejo a Fé e a Esperança destas pessoas sinto-me muito pequeno. Porque eu rezo o pai-nosso e peço o pão de cada dia mas eu tenho o pão e não tenho muito o que perdoar. Mas esta gente... quando os vemos rezar, a celebrar a sua fé, temos em frente algo muito autêntico. Porque os refugiados, como os pobres, já não têm ilusões, já não têm defesas, não inventam contos porque a sua vida é demasiado crua, têm de enfrentar a realidade desde manhã até à noite e no dia seguinte, é igual. Não é como nós, como bons burgueses, que nos contaram tantos contos nos quais acreditamos e ficamos desgostosos e deprimidos por coisas insignificantes. Esta gente toca o fundo da vida, da humanidade com toda a sua crueza e a sua dureza. Tenho momentos em que penso, como é possível que esta gente sorria, que esta gente seja capaz de partilhar e de se preocupar com outros. Para mim, é uma lição de humanidade e de fé que me faz estremecer.

IP: Há alguma coisa que distingue os refugiados sírios dos demais?

TC: Eu diria que o que os distingue é o seu calvário tão longo. Primeiro na Síria, o clima de guerra, os bombardeamentos, o terror, os deslocamentos internos quando tentaram ficar na Síria apesar da guerra. Depois na Turquia e Jordânia, a situação clássica, das entradas desesperadas noutra país que não é o nosso aos campos de refugiados. E ainda a busca por uma vida, a qualquer preço, até à Europa. Temos muito que trabalhar para conhecer estas pessoas. Muitos deles foram ótimos profissionais. Não é como vemos tantas vezes em África, em que não têm este grau de sofisticação. De certa maneira, esta gente perdeu mais e sofreu mais porque conheceu a boa vida. Muitos deles são comerciantes, outros eram donos de fábricas e agora estão sem nada e para além disso são um povo antigo com uma história da qual são orgulhosos. Era como se 5 milhões de portugueses tivessem que fugir para França. Quando estamos a falar de sírios estamos a falar de pessoas do chamado primeiro mundo. Não todos, mas a maioria. Têm uma história, tradição familiar, são cristãos e muçulmanos que souberam viver juntos durante muito tempo, não sem problemas mas bem. Temos gente do campo até a licenciados, jornalistas, dentistas, engenheiros, construtores civis. Por estas razões, a experiência do sírio que fugiu e que se tornou refugiado é de alguma maneira mais dura. Por outro lado têm mais recursos internos e mais contactos. Mas voltando ao início, gostava de distinguir o grau de selvajaria das situações que foram vivendo ao longo de todo o processo que parece não ter fim.



Campo de refugiados Ashti 2, no Curdistão, Iraque, onde vivem atualmente, cerca de 5.000 pessoas

IP: O que é que os torna a todos irmãos?

TC: A experiência de dor, a experiência de solidariedade que existe muito entre eles e a experiência do exílio. Às vezes são mais sensíveis entre eles. O que não distingue refugiados do mundo inteiro é a reação negativa sobre estas pessoas de “*não os queremos*”.

IP: Pensa que por aí se pode vir a estabelecer a reconciliação entre inimigos?

TC: Não me atrevo a dizer que vai haver reconciliação no Médio Oriente mas todas as pontes, todas as experiências de dor partilhada, de solidariedade, vão semeando sementes de convivência, se não de reconciliação. Para além disso, às vezes, porque estão cansadas de tanta guerra, à semelhança do que aconteceu na Europa, depois de 2000 anos em guerra, as pessoas dizem: “*Isto não pode avançar mais, não faz sentido*”. Por isso, há sementes que semeadas que nos fazem pensar que, ainda que não completamente reconciliados, poderão começar um caminho juntos e com o tempo chegarão as gerações que começarão de novo. Por isso é tão importante investir na educação. Estes jovens um dia serão adultos.

IP: O JRS tem uma escola em Ozal frequentada por crianças e professores cristãs, muçulmanas e yazidis. Como é que tem sido esta experiência?

TC: No começo houve uma certa resistência porque havia muçulmanos que nunca tinham convivido com cristãos. Mas quando pessoas da nossa equipa, cristãos, os começaram a visitar, ficaram positivamente surpresos. Depois quando começou a funcionar, professores e crianças, cristãos, muçulmanos e yazidis, ficaram admirados com esta experiência de convivência pacífica. A resistência passou porque partilham a mesma experiência de desespero. Agora, passado um ano, tudo é normal. Para mim era óbvio que tínhamos de estar abertos a todos até porque nesta região mais de noventa por cento das pessoas com quem trabalhamos são muçulmanas. Agora vamos avançando e trabalhamos todos juntos.

IP: O que mais o impressiona nesta crise europeia?

TC: Nesta altura da vida nada me impressiona. Como sempre, esta crise obriga as pessoas a desacomodarem-se. Há muitos sinais na Europa de um aborrecimento coletivo, falta de sentido da vida, porque estamos a viver num estado de comodidade permanente, sem fazer frente a problemas. Neste caso em que a crise dos refugiados é um bocado mais massiva se os europeus de desacomodarem há a possibilidade de se reavivarem e

de se fazer um bom projeto europeu. Toda a sofisticação e o enriquecimento da Europa, cresceram muito rapidamente, o que ajuda a que apareçam os medos e a típica resistência ao estrangeiro, ao diferente. De uma forma concreta, a questão dos refugiados toca a quantas pessoas? Esta reação da Europa é tão miserável, tão humanamente pobre. A maioria dos refugiados são mulheres e crianças e depois, pais de família que estão a fugir precisamente para não serem recrutados à força pelos exércitos e melícias. Deixou-me muito orgulhoso, as histórias das pessoas que fizeram centenas de quilómetros para irem buscar refugiados, das pessoas que se organizaram em estações de comboio para acolher dignamente e aí houve uma espécie de rebeldia positiva em que as pessoas agarraram a solidariedade com as suas próprias mãos. Estas pessoas seguem a sua cabeça, o seu coração e a sua humanidade. No final a grande pergunta é: o que nos torna mais humanos?

IP: Qual o episódio que mais o marcou ao longo da sua experiência de acompanhamento a refugiados?

TC: Uma vez uma mulher contou-me que quando estava a fugir caiu, grávida, e a bebé nasceu com problemas. Disse-me com todo o carinho: “*Esta é a minha pequena cruz*”. Outra vez estava a ir de camioneta para o campo de refugiados e uma senhora de idade, negra, muito bonita, com as suas rugas, subia a pé. Estava a voltar porque de manhã tinha havido uma distribuição de roupa. Então disse-lhe que entrasse na camioneta. Contou-me que estava a caminhar desde manhã sozinha. Tinha chegado tarde e eu perguntei-lhe se lhe tinham dado alguma coisa, respondeu-me que sim. Tinham-lhe dado uns calções de futebol. Não sabia se rir ou se chorar. Aqui tudo é quase demasiado. Desde as pessoas que estão doentes à experiência da morte tão vivida. A forma como os africanos vivem a morte é toda uma experiência. Por outro lado têm sempre uma esperança. Aqui no Médio Oriente deprimem-se mas também se sente a esperança. A esperança está em poder sair daqui, ir até à Europa e refazer a vida. A diferença é que os africanos não perdem a esperança mesmo sabendo que não vão a lado nenhum. Outra história é a de uma mãe que numa manhã se levantou e perguntou à sua filha: “*onde está o teu irmão*”. Ela respondeu que o viu sair com dois coletes. Saiu a correr porque havia um lugar onde se juntavam para levar os jovens para combater no Burundi. Levaram o seu filho e voltou a casa dezasseis anos depois. Esta mãe tinha oito ou nove filhos, e viveu angustiada por perder um filho, porque a morte de quem ia combater era quase 100 por cento segura. Baltazar voltou com sinais de tortura.



Crianças e professores, cristão e muçulmanos, frequentam a mesma escola do JRS no Vale de Beqaa, Líbano

IP: Qual foi o episódio mais feliz?

TC: Destaco um no Burundi. A certa altura, comecei um projeto de sustentabilidade familiar de que todos se riam: distribuir cabras. No final, ri-me mais do que toda a gente porque ajudámos mais de 17 mil famílias. Um dia, veio um pequenino chamado Manuel com roupa que não era dele e as mãos todas sujas, parou à minha frente e disse-me: “*Padre, tu não nos esqueceste*”. Eram refugiados do Burundi, com quem tinha estado na Tanzânia em campos de refugiados e que entretanto tinham voltado à sua terra. Isso deu-me força para mais dois anos de trabalho. Depois, a felicidade de os voltar a ver, de os visitar quando regressaram às suas casas, de conhecer os seus filhos que entretanto tinham nascido. São também muitos os momentos felizes.

IP: O que é óbvio para quem vive perto desta realidade e que os europeus não entendem?

TC: Resistimos sempre à tendência de falar em refugiados ou beneficiários porque são acima de tudo pessoas como nós. Para mim é óbvio que a experiência do exílio, muitas vezes na dor, traz à tona o melhor das pessoas e quando estamos com estas pessoas não há medo que se sinta. É tonto ter medo. Medo de quê? A mim, o único que me preocupa um bocadinho, é tempo, é trabalho mas no final, o que me chama a atenção é que estar com os refugiados é uma coisa natural e na Europa fez-se disso um drama, envolto em mentiras e frases. De onde é que tiram tudo isso? Eu sigo o que se passa na Europa e o grau de desonra e de desonestidade com que se tratou esta questão, a distorção, é muito triste. Foi aqui no Médio Oriente que tive o primeiro contacto com muita gente muçulmana, com a sua cultura e com a sua consistência e sinto-me muito cómodo. Recordo-me que em África era ao único branco que dava uma volta nos campos de refugiados de 50.000 habitantes. Comecei a caminhar e ao princípio consideravam-me valente. Nunca senti nada disso. São muitas as barreiras que uma pessoa pode ter na mente mas aqui, o que a experiência me diz em primeiro lugar é que os refugiados são pessoas iguais em todas as partes do mundo, que as crianças riem e os jovens estão mais deprimidos porque não têm perspectivas. Para mim, o que me custa é chegar à Europa e ver todo este consumo sem sentido.

IP: No que é que tem esperança?

TC: Primeiro, a mesma esperança que têm estes refugiados e que me torna mais humilde. Quando vemos que esta gente tem fé, tem esperança, que é capaz de ser solidária, sentimos que estamos em frente a algo quase sagrado. Gente que passou por tudo aquilo e é capaz de crer, de ter esperança, de sorrir, de valorizar aquilo que tem. Quando comecei a trabalhar em 2000 havia 18 milhões de refugiados, agora há o dobro, 36 milhões, por isso a minha esperança não pode ser em baixar estes números. A minha esperança é que Deus tenha a última palavra e que o bem que fazemos, ainda que com muitas limitações, faça parte dela. Mas também tenho esperança na capacidade humana de apagar a sua humanidade. Ainda em relação à Europa, a quantidade de gente que reagiu de forma humana e carinhosa também é um motivo de esperança. Eu vivo um problema mas devemos pôr a força no que nos dá esperança, no que nos anima. Vi dez vezes mais de dor do que alguém que tem uma vida normal mas no final, a minha esperança nasce da proximidade e da partilhada com tantos pobre e agora, com tantos refugiados. Recordo-me que no início me perguntavam o que é que estávamos a fazer aqui, no final, eu respondia: “*Creio que ajudámos estas pessoas a terem esperança, a verem o futuro, a não desanimarem e que no fim ganhará o bem*”. **IP**

“A experiência do exílio, muitas vezes na dor, traz à tona o melhor das pessoas e quando estamos com estas pessoas não há medo que se sinta.”

“A Europa está em coma”

“Vemos, ouvimos e lemos. Não podemos ignorar”, é o lema daquela que é uma das iniciativas da sociedade civil mais emblemáticas dos últimos tempos, a PAR - Plataforma de Apoio aos Refugiados. O Impulso Positivo falou em exclusivo com Rui Marques, Coordenador da PAR, da qual já fazem parte mais de 300 organizações da sociedade civil. Uma conversa sobre acolhimento, humanidade e egoísmo, que não vai querer perder.

Impulso Positivo (IP): O que o fez querer levantar e organizar uma resposta da sociedade civil à situação vivida por milhares de refugiados que chegam à Europa?

Rui Marques (RM): A consciência de que não podíamos continuar indiferentes, depositando só nos Estados a responsabilidade de dar uma resposta humanitária a esta catástrofe, sobretudo quando se antevia já a inação e a falta de vontade política destes para organizar um acolhimento humano destes refugiados. Não foi, portanto, uma vontade despertada por uma imagem ou declaração. Foi a sensação crescente de que não era possível ignorar nem mais um minuto e que, por isso, era necessário agir.

IP: Porquê uma resposta da Sociedade Civil?

RM: A sociedade civil tem tradição, competência e recursos no âmbito da defesa de causas solidárias. A sua demissão de agir em tempo de crise é uma das fragilidades das sociedades contemporâneas que devemos combater. O exercício da cidadania não se compadece com uma letargia face aos dramas dos nossos dias. Por isso, escolhemos como lema “vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar”.

IP: Como foi possível ter pronta uma resposta tão concreta e organizada em tão pouco tempo?

RM: Havia uma perceção da gravidade do momento que vivemos e uma ânsia de contribuir para uma resposta sólida e consistente. Quando a PAR surgiu, a adesão de centenas de organizações da sociedade civil (hoje mais de 300) espelhou essa vocação para a ação.

IP: Quais foram os critérios por trás da escolha de um modelo tão inovador como o do projeto PAR Famílias?

RM: A convicção de que o modelo de acolhimento e integração mais adequado é o de base comunitária, em que os refugiados são acolhidos entre nós, no seio da comunidade e não em centros de refugiados, guetizados e distantes. Esta dinâmica permite também mobilizar as pessoas para a preparação do acolhimento e integração, num modelo de corresponsabilização e de generosidade partilhada, em todo o país. Decorre também da adesão livre e espontânea das instituições da sociedade civil que se querem assumir como anfitriãs e hospitaleiras.

IP: Este modelo já foi testado alguma vez, nalgum país que costume acolher refugiados? Se sim, que diferenças se notaram em relação a outros modelos?

RM: A tradição de resposta de acolhimento passa, em geral, pelo modelo de centro de acolhimento. Iremos testar um novo modelo que nos parece mais humano e mais eficaz. Avaliaremos os resultados.

IP: A PAR já tem uma resposta preparada, pronta a receber cerca de 600 refugiados. Porque é que ainda não recebeu nenhum?

RM: Exclusivamente pela incapacidade europeia de concretizar as suas decisões tomadas em Setembro, de recolocar 160.000 refugiados que já estão no Espaço Schengen. Em três meses, só conseguiu recolocar 159 pessoas, o que evidencia, acima de tudo, a falta de vontade política dos Estados-membros e das instâncias europeias em concretizar o acolhimento. Não tem nada a ver com a falta de vontade dos refugiados em serem recolocados. Em Portugal, espera-se que os primeiros refugiados cheguem ainda em Dezembro. Mas será sempre um número mínimo face às disponibilidades instaladas.

IP: Porque é que se fala tão intensamente em acolher refugiados sírios e não se ouve falar em acolher refugiados, por exemplo, nigerianos, também vítimas do ISIS, ou outras vítimas de outras guerras e que possivelmente também terão pedido asilo à Europa?

RM: A crise síria gerou o maior número de refugiados da atualidade. Não há comparação com qualquer outra situação, em termos numéricos. Mas, obviamente, o princípio deve ser universal, acolhendo aqueles que se enquadram no estatuto de refugiados, independentemente da sua etnia, religião, idade ou género.

IP: Quais são as principais dificuldades que a Europa, e Portugal de um modo particular, vão ter, no acolhimento e inclusão de um número tão grande de refugiados, completamente destruídos enquanto seres humanos, física e psicologicamente, e com culturas e religiões tão diferentes da maior parte dos europeus?

RM: Creio que enfrentaremos três grandes desafios. Como ultrapassar a hostilidade e desconfiança instaladas atualmente nos países de acolhimento. Como gerar laços de confiança, fundados na profunda igualdade da natureza humana e no respeito pela diversidade, dentro do Estado de direito. Como lidar com a experiência traumática que cada refugiado encerra, ao ter perdido quase tudo, ao ser obrigado a adaptar-se a uma nova realidade sociocultural e a sentir-se indesejado.

IP: Esteve recentemente no Líbano. Com que objetivo?

RM: Fui conhecer os projetos que a PAR irá apoiar através da sua iniciativa Linha da Frente, que consiste no apoio às atividades da Cáritas e do Serviço Jesuíta aos Refugiados no Líbano, quer a famílias quer especificamente a crianças refugiadas. Temos em curso uma recolha de fundos para ajudar estes projetos,

“Perdemos de vista os valores e ficámos reféns do nosso egoísmo e medo.”

em que todos podemos colaborar, por exemplo através do Multibanco, escolhendo a opção Transferências, Ser Solidário, PAR Refugiados.

IP: O que é que o surpreendeu mais nesta viagem?

RM: Por um lado, a capacidade extraordinária de acolhimento do Líbano de mais de um milhão e quinhentos mil refugiados, quando só tem quatro milhões de habitantes, dando um exemplo a todos os países europeus. Por outro lado, a dimensão da desesperança destas pessoas que se sente sem recuo para o país de origem, nem futuro num local seguro e que lhes ofereça o mínimo de condições para recomeçarem a sua vida.

IP: Que história não pode deixar de contar desta viagem?

RM: Recordo o encontro com um refugiado sírio, professor numa escola para crianças refugiadas. Antes da guerra, na sua região, não havia nenhum radicalismo jihadista. Com a guerra, chegaram estrangeiros que lideraram essa transformação terrível. Vieram do Uzbequistão, Turquemenistão, da Argélia, da Tunísia... E da Holanda. Sim, foi da Holanda que chegou quem atualmente lidera os terroristas na sua aldeia, perto de Raqqa. Com um orçamento de 10 milhões de dólares para aí fazer a guerra. Os seus compatriotas tentam sobreviver como podem. Nas zonas controladas pelo ISIS a única forma de o conseguirem é pactuando com os terroristas, obedecendo-lhes sem resistência, pois ao mínimo sinal de contradição são eliminados. Também alguns passaram militantemente para o outro lado da barricada. Perguntei-lhe se por convicção religiosa. Nem pensar, respondeu prontamente. A motivação resulta do acesso ao poder, ao dinheiro que jorra sem parar para os bolsos do ISIS, a carros... E a mulheres. Nada de Islão verdadeiro. Somente a sua manipulação para aterrorizar e alcançar maior poder.

IP: Quais são os objetivos da PAR a curto e a médio prazo?

RM: Cumprir a sua missão, quer com o Programa PAR FAMÍLIAS, acolhendo e integrando em Portugal famílias de refugiados que aqui chegarem, quer com o PAR LINHA DA FRENTE, apoiando



refugiados nos campos do Líbano. Mas o maior desejo seria deixar de haver razão de ser para a PAR, por ter terminado a guerra e o êxodo dos refugiados.

IP: A Europa como a conhecíamos até agora, morreu para sempre?

RM: O projeto europeu está em coma. Se não houver uma reação determinada e rápida dos europeus para refundarem este projeto, provavelmente terminará. Com todas as consequências imprevisíveis, mas seguramente dramáticas, que irão emergir.

IP: Enquanto Europeus temos de reinventar a nossa forma de viver?

RM: Sim mas, na verdade, temos sobretudo que regressar à matriz fundadora da União Europeia. Descobrimos o segredo do sucesso da paz e do desenvolvimento depois de duas guerras terríveis. Mas, com o tempo, fomos destruindo esse projeto e perdendo essa nossa identidade. Solidariedade, unidade na diversidade, interdependência são alguns dos pilares que precisamos de recuperar.

IP: Daqui a alguns anos, quando olharmos para trás, o que é que gostava que tivéssemos aprendido com a Crise dos Refugiados na Europa?

RM: Que tivéssemos sido capazes de refundar o projeto europeu, voltando às suas origens. Mas temo que não seja essa a conclusão.

IP: No que é que estamos a falhar?

RM: Perdemos de vista os valores e ficámos reféns do nosso egoísmo e medo.

IP: O que é que inevitável entender quando olhamos para as imagens destas pessoas?

RM: Como é possível termos atingido tal nível de desumanidade, como fechamos a porta a quem nos pede abrigo, depois de ter perdido tudo? **IP**

DA TRAVESSIA DE MORTE À TERRA DO ARAME FARPADO

Uma parte fulcral da atual crise de refugiados no mundo reside aqui: Mediterrâneo. Uma das organizações internacionais que mais te feito para informar realisticamente sobre o problema chama-se Human Rights Watch e publicou em junho um relatório bastante esclarecedor sobre o que se passa do lado de lá mas também do lado de cá do Mediterrâneo.

Em junho a Human Rights Watch informava num relatório avassalador que um número sem precedentes de pessoas, estavam a arriscar a vida em viagens perigosas por todo o Mediterrâneo para chegar a países da União Europeia. Há décadas que este cenário se repete mas a situação agora era ainda mais preocupante. Em 2014 pelo menos 219.000 pessoas fizeram esta travessia, mais 60.000 que no ano anterior. Segundo o ACNUR, só nos primeiros cinco meses de 2015, 89.500 pessoas tinha cruzado o Mediterrâneo. Durante muito tempo a rota principal era feita a partir do norte de África pelo Mediterrâneo Central, mas cada vez mais pessoas atravessavam agora o Mar Egeu, Mediterrâneo Oriental, da Turquia para as ilhas gregas.

Outro dos detalhes aterradores deste relatório prende-se com o facto de se constatar que o Mediterrâneo, do qual todos ouvimos falar atualmente, quase todos os dias enquanto tábua de salvação para milhares de pessoas desesperadas, é a rota mais mortal do mundo das migrações. Baseado novamente nos dados do ACNUR, refere que se estima que mais de 22.400 migrantes e requerentes de asilo morreram desde 2000 em tentativas de chegar à União Europeia. Só em 2014, 3.500 pessoas morreram no mar tornando-o no ano mais letal desde que há registo. Com pelo menos 1.850 mortes no Mediterrâneo nos primeiros cinco meses de 2015, tudo indica que este ano, haverá um novo recorde.

Todos os anos, milhares de crianças desacompanhadas cruzam o Mediterrâneo, sem pais ou outros cuidadores. Em 2014 mais de 10.500 crianças viajaram sozinhas no mar para Itália. Na Grécia, no mesmo ano, foram registadas mais de 1.100 crianças desacompanhadas. Em 2015 prevê-se que o cenário seja ainda pior. Enquanto isso, só recentemente, a União Europeia começou a tomar medidas significativas para intensificar os esforços de busca e salvamento no mar Mediterrâneo, que embora sejam muito bem-vindas e um primeiro passo na resposta ao imperativo humanitário imediato de salvar vidas, são tardias e muitas vezes ineficientes.

Para que estas operações de busca e salvamento possam ser sólidas têm de ser acompanhadas por esforços sustentáveis para garantir o direito de pedir asilo, consagrado na Declaração Universal dos

Direitos Humanos e garantidos na Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia.

Na realidade e como descrito no relatório da Human Rights Watch, as tentativas para prevenir as travessias tendem a falhar assim como a mesma abordagem negligencia as razões que levam as pessoas a arriscar a vida numa viagem mortal. Numa grande parte dos casos está-se a falar em razões desesperadas baseadas em deslocamentos forçados e no abuso dos direitos humanos.

Os direitos humanos têm sido constantemente violados ao longo de todo o percurso de deslocação até à União Europeia. De acordo com o ACNUR, mais de 60 por cento das pessoas que optaram por este trajeto marítimo tão perigoso nos primeiros cinco meses de 2015 vieram da Síria, da Somália e do Afeganistão, países dos quais o mundo inteiro recebe notícias dos piores cenários de vida e de violência generalizada, e ainda da Eritreia, país governado por um dos governos mais repressivos de África. Muitos vêm ainda de países como a Nigéria, Gâmbia, Senegal e Mali, à procura de melhores oportunidades económicas ou de viver em sociedades mais abertas e acima de tudo, mais seguras. Mas mesmo nestes últimos países, muitos são aqueles que vêm os seus direitos humanos violados ou são obrigados a deslocamentos forçados como consequência dos conflitos existentes o que lhes permite, com toda a legitimidade serem requerentes de asilo. Também da Líbia, onde o ambiente é inseguro e muito violento, muitas pessoas estão a fugir.

A Human Rights tem sido incansável, principalmente nos quatro principais países de origem, e o trabalho realizado não se baseia só no que vêm mas também e mais de 150 entrevistas realizadas a Sírios, Eritreus, Afegãos e Somalis que cruzaram o Mediterrâneo em maio de 2015 e que se encontram em Itália – Lampedusa, Catania e Milão – e na Grécia – Lesbos, Chios, Samos, Leros e Kos. A Human Rights Watch da ainda a contar o papel que a União Europeia enquanto região de destino tem de ter. Enquanto a comunidade internacional tem um papel a desempenhar na resposta aos desafios relacionados com os deslocados a um nível global, neste caso concreto, a União Europeia tem a responsabilidade direta e primária de garantir que a sua política e plano de ação, estão plenamente alinhados com o direito internacional e a sua própria legislação regional. Esta responsabilidade é fundamental nas questões relacionadas com as migrações e gestão dos pedidos de asilo mas, muito concretamente, com a resposta dada à realidade vivida no Mediterrâneo. Esta organização internacional, ao longo deste que é um dos relatórios que melhor retrata a situação, apela incessantemente que todos os governos ponham os direitos

humanos no cerne da resolução da crise dos refugiados.

A solução, de acordo com a Human Rights Watch, passará com certeza por um verdadeiro esforço coletivo de maneira a minimizar o número de mortes, assegurando planos de busca e salvamento no Mediterrâneo realmente eficientes, planejar o desembarque em portos seguros da União Europeia, onde as pessoas possam de uma forma organizada aceder aos procedimentos de pedido de asilo de uma forma justa e segura. Mas há mais, esta organização, desde o primeiro momento no terreno e conhecedora da realidade experimentada, apela ainda aos líderes da União Europeia que apoiem propostas que visem aumentar canais seguros e legais dentro da União Europeia, nomeadamente através de programas de recolocação organizados, facilitando o acesso ao reagrupamento familiar, e aumentando o número de vistos humanitários. O relatório visa ainda uma peça fundamental deste cenário de terror, de que muitas vezes nos esquecemos e que é preciso proteger: as crianças. Salvaguardar as crianças deve orientar todas as políticas em relação aos requerentes de asilo, aos refugiados e mesmo aos migrantes. Propostas muito concretas para problemas avassaladores e que provocam o sofrimento sem limites de muitos milhares de pessoas.

Outro dos pontos de peso, referido pela Human Rights Watch, é o contrabando intrinsecamente ligado a toda esta crise. As medidas anti contrabando deverão respeitar inteiramente as obrigações vinculativas ao abrigo da Convenção Europeia para os Direitos do Homem, de maneira a proteger os direitos à vida, à liberdade, à segurança. A União Europeia deve ainda assegurar que todas as medidas para combater a emigração ilegal se baseiam no respeito pelos direitos humanos e dignidade, incluindo o direito de deixar o próprio país, de procurar asilo e de proteção contra a repatriação para países onde as vidas e a liberdade das pessoas possa estar em risco.

Um dos conselhos dados pela Human Rights Watch aos estados-membro e à própria União Europeia é que usem a sua influência e recursos para lidar com os principais motores de migração, incluindo a sistemática violação dos direitos humanos, um dos principais fatores que levam a estes fluxos de refugiados e migrantes sem precedentes para a União Europeia, de países como a Síria, a Eritreia, o Afeganistão e a Somália, bem como em países de trânsito como a Líbia.

A REALIDADE DO FIM DO ANO

Os últimos dados do ACNUR e da Organização Internacional para as Migrações (OIM) dão conta que em 2015, um milhão de pessoas fugiram para a Europa. Até meados de dezembro, cerca de 972.500 pessoas tinham atravessado o Mediterrâneo, segundo o ACNUR. Por sua vez, a OIM, estima que mais de 34.000 pessoas atravessaram a Turquia, até à Bulgária e à Grécia por terra.

O número de pessoas deslocadas pela guerra e por conflitos é o mais elevado na Europa Ocidental e Central desde a década de 90, altura em que vários conflitos tiveram lugar na ex-Jugoslávia.

Uma em cada duas pessoas que cruzou o Mediterrâneo, este ano, ou seja, meio milhão de pessoas, era síria. Os Afegãos foram responsáveis por vinte por cento e os iraquianos, por sete por cento.



O Alto-comissário da ONU para os Refugiados, António Guterres apelou em comunicado que *"à medida que vão crescendo os sentimentos anti estrangeiros nalguns setores, é importante reconhecer, não só as contribuições positivas que os refugiados e migrantes dão às sociedades em que vivem, como também honrar os valores fundamentais europeus"*.

Por sua vez, William Lacy Swing, Diretor Geral da OIM, ressaltou que *"não basta contarmos os números de pessoas que chegam e das quase 4.000 que morreram afogadas ou estão desaparecidas, temos também de agir"*.

Como refere o ACNUR, após uma reação inicial caótica que resultou no deslocamento de dezenas de milhares de pessoas a partir da Grécia através dos Balcãs Ocidentais e para o norte, e que acabaram bloqueadas em várias fronteiras, existe uma resposta europeia mais coordenada que está a começar a surgir. A União Europeia criou um programa onde se compromete a reinstalar 160.000 refugiados em 14 estados-membro, num período de dois anos. No âmbito, do mesmo programa, Portugal comprometeu-se a acolher 4.754 refugiados, sendo que até ao momento chegaram apenas 24 pessoas a Portugal. Algo começou a ser feito, mas muito mais é preciso fazer sob pena da Europa se transformar no lugar que deixa morrer. **IP**

“Não basta contarmos os números de pessoas que chegam e das quase 4.000 que morreram afogadas ou estão desaparecidas, temos também de agir”.

A CHEGADA

As imagens não param de chegar. De vez em quando lá surge a imagem de um naufrágio, de um barco vergonhosamente sobrelotado, de pessoas aterrorizadas que procuram à pressa pisar terra firme. São mulheres, crianças, algumas recém-nascidas e homens, à procura de vida. Dina Vardamatou, coordenadora da ONG grega Praxis, falou em exclusivo com o Impulso Positivo, sobre o que tem visto todos os dias.

Impulso Positivo (IP): De que realidade estamos a falar, quando falamos da chegada de refugiados à Europa?

Dina Vardamatou (DV): Há uma coisa que tem de ficar clara, é realmente difícil para alguém compreender a questão da vinda para a Europa e muitas vezes tenho a sensação de que é difícil, mesmo para as pessoas que estão no campo da tomada de decisões. A Grécia é um país que é uma ilha, fechada à Turquia e há muita gente a vir, centenas, milhares de pessoas, numa base diária. Mesmo quando olhamos para os barcos que chegam à costa, barcos cheios de pessoas, de esperança e desespero, mesmo quando prestamos serviços a estas pessoas, é difícil compreender a magnitude deste fluxo de refugiados que chego ao ponto de ser um êxodo.

IP: Quem são estas pessoas e de onde vêm?

DV: São pessoas que estão a fugir de bombas, da morte, da intolerância, do ódio. Pessoas que carregam os seus bebés ao colo. Pessoas que estão a tentar salvar as suas vidas. As bombas estão a cair em todos os lugares, vilas, cidades e as pessoas estão no meio de tumultos e da guerra. Quem chega vem principalmente da Síria e do Afeganistão, embora haja também um grande número de pessoas que estão a chegar de países africanos, do Irão e do Bangladesh. Infelizmente, a lista de países onde a guerra e os conflitos armados estão na agenda diária, é cada vez maior.

IP: Vêm em que condições?

DV: Muitos deles podem não ter tido, literalmente, um momento para fazer as malas por isso carregam sacos que contêm toda a sua vida, em forma das coisas mais essenciais, e que em muitos casos não são suficientes. Um cobertor, um casaco demasiado leve para o inverno, um pedaço de pão seco. Alguns ainda têm a surpresa estampada nos seus rostos. A sua vida foi completamente destruída da noite para o dia, têm medo, outros estão desesperados, e alguns vêm com bebés recém-nascidos nos seus braços. Todos eles estão a vir para a Europa, não com a esperança de um futuro melhor, mas com o desejo de permanecerem vivos.



© International Medical Corps

IP: Que condições encontram estas pessoas quando chegam?

DV: Muito concretamente, a Grécia, apesar do grande número de pessoas que chegaram às margens gregas nos últimos meses, apesar da crise e da falta de recursos, tem havido um esforço imenso para tratar os refugiados com dignidade e respeito. A Praxis, ONG

em que trabalho, enviou delegações e unidades médicas móveis para as diferentes ilhas e fronteiras terrestres, com o objetivo de oferecer assistência médica privilegiada, apoio psicossocial, alojamento para casos extremamente vulneráveis, comida, água e outros bens essenciais. Temos estado a trabalhar vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, com o intuito de ajudar e apoiar verdadeiramente. Além disso, as policlínicas e os centros de dia Praksis em Atenas, Patras e Salónica, têm dado resposta às necessidades das pessoas que atravessaram o Mediterrâneo e sofreram de desidratação e exaustão. A situação é grave. Estamos a falar de uma crise de refugiados que, no final do dia, se traduz em vidas perdidas, fronteiras fechadas, medo e está a ficar fora de controlo. Especialmente agora que a temperatura está a começar a ser abaixo de zero.

IP: Qual é o processo pelo qual têm de passar estas pessoas quando chegam?

DV: Quando um barco chega, os refugiados são levados para as instalações portuárias da polícia, onde ocorre a primeira gravação e identificação. Ali é emitido que lhes permite atravessar o país. De seguida, são encaminhados, para o Centro de Primeira Receção ou para os campos de alojamento temporário até terem barco para Atenas. Para os sírios, existem um procedimento especial para a emissão destes documentos e recolocação dos pedidos de asilo.

IP: Quais são os desejos e esperanças destas pessoas?

DV: Serem capazes de continuar a viver com dignidade e segurança, assim como os seus filhos. **IP**

“Todos eles estão a vir para a Europa, não com a esperança de um futuro melhor, mas com o desejo de permanecer vivos.”



DINA VARDARAMATOU

Dina Vardaramatou é socióloga, Mestre em Artes em Estudos de Serviço Social e Comunitário. Coordenou o Projeto *Stop Trafficking of People Now (STOPNOW)*, entre 2002 e 2009, foi fundadora e coordenou o *Galatsi Group*, um grupo *ad hoc* de parceiros - agências estatais, organizações internacionais, ONG - que trabalham as questões anti-tráfico humano. Tem vindo a trabalhar, enquanto profissional, voluntário e ativista, com grupos socialmente excluídos, tais como vítimas de tráfico, toxicodependentes e pessoas com origens e culturas muito diferentes. Atualmente Dina é Coordenadora da Policlínica Praksis em Atenas que oferece serviços legais, éticos e sociais para pessoas economicamente e socialmente excluídas. A organização Praxis foca-se em três eixos: intervenção, prevenção e *advocacy*. Entre os principais beneficiários da Praksis encontram-se requerentes de asilo, refugiados, menores desacompanhados e migrantes económicos. Visite o site www.praksis.gr, disponível em inglês.

CPR

A experiência de quem acolhe há 25 anos

Acolher refugiados em Portugal não é novidade para o CPR - Conselho Português para os Refugiados, a ONGD que já o faz há 25 anos. Mónica Frechaut, responsável pela Informação Pública do CPR, revelou em exclusivo ao Impulso Positivo, o caminho profundo e consistente que se tem vindo a fazer.

Impulso Positivo: Como nasceu o Conselho Português para os Refugiados?

Mónica Frechaut (MF): O CPR é uma ONGD fundada em 1991. Ao longo de quase um quarto de século foram, naturalmente, vários os desafios e as conquistas da organização, mas diríamos que o mais significativo foi a criação, em Portugal, de um espaço de proteção para aqueles que, diariamente são obrigados a abandonar as suas casas por força de perseguições e de conflitos que tendem em persistir. Os primeiros anos do CPR pugnaram pela construção de uma cultura nacional de refugiado e de direitos humanos, reintroduzindo no léxico dos portugueses conceitos como asilo, proteção internacional, requerentes, refugiados, deslocamentos forçados, apátridas, etc.

IP: Ao longo destes 25 anos, no que é que transformou o CPR?

MF: Uma associação que em 1991 começou com apenas duas pessoas, neste momento conta com uma equipa de 46 profissionais dedicados à assistência aos refugiados e requerentes de proteção internacional. Com dois centros de acolhimento, onde residem 104 pessoas, apoiamos, diária e



Centro de Acolhimento de Refugiados do CPR

diretamente, mais umas dezenas de pessoas em alojamento externo. A estas acresce-se o apoio a antigos beneficiários em vários aspetos da sua vida e integração em Portugal.

IP: Quais foram as grandes conquistas?

MF: Uma intervenção reconhecida em sucessivas Leis do Asilo, a construção e gestão de dois centros de acolhimento e uma opinião pública mais esclarecida e sensibilizada para o problema dos refugiados são, indiscutivelmente, avanços determinantes. Pese embora estas conquistas e o caminho desbravado pelo CPR,



Atividades lúdicas no Centro de Acolhimento

acreditamos que ainda existe muito por fazer no domínio do asilo em Portugal e na Europa. Numa altura em que se registam perto 60 milhões de deslocados forçados no Mundo, é cada vez mais difícil para estas pessoas acederem a territórios seguros, particularmente aquelas que viajam por mar. É fundamental uma gestão de fronteiras sensível às obrigações internacionais em matéria de direitos humanos e que não bloqueie o acesso à proteção daqueles que dela tanto necessitam.

IP: Quais são os principais projetos desenvolvidos pelo CPR neste momento?

MF: Neste momento são, naturalmente, os projetos relacionados com o acolhimento de requerentes de proteção internacional, refugiados reinstalados e recolocados, o apoio jurídico e social. A integração das pessoas refugiadas e deslocadas em Portugal é outra importante área de intervenção. Também acreditamos que a cultura de Direitos Humanos e Cidadania começam desde muito cedo, na infância, com uma educação voltada para o desenvolvimento, para as causas das deslocações forçadas e a importância da mobilização e solidariedade no mundo global no qual todos e todas vivemos. Nesse sentido, o CPR desenvolve intenso trabalho junto de estabelecimentos de ensino, do 1º ciclo ao ensino superior, esclarecendo e sensibilizando os mais jovens para a situação dos refugiados.

IP: No que é que consiste o trabalho diário do CPR?

MF: Acolhimento nos centros, apoio social, jurídico, emprego e formação, aulas de Português Língua Estrangeira, gestão de uma creche e jardim-de-infância, sessões de esclarecimentos em estabelecimentos de ensino, formação técnica sobre Asilo e Refugiados, atividades de advocacia, só para citar algumas das nossas atividades diárias.

IP: O panorama dos pedidos de asilo a Portugal tem sofrido grandes alterações nos últimos anos?

MF: Não obstante o baixo número de pedidos de asilo, quando comparado com outros países europeus, é evidente que Portugal não está imune à turbulência social e política que se vive no Mundo. Nesse sentido, um dos principais desafios

“Numa altura em que se registam perto 60 milhões de deslocados forçados no Mundo, é cada vez mais difícil para estas pessoas acederem a territórios seguros, particularmente aquelas que viajam por mar.”

é continuamente responder de forma eficaz às necessidades urgentes das pessoas que procuram o nosso país como porto seguro, a nível jurídico, social, laboral, assegurando, igualmente, alojamento temporário, sejam eles adultos isolados, famílias ou menores não acompanhados. Temos assistido nos últimos anos ao aumento dos pedidos de proteção internacional, particularmente do continente africano, mas também da Ásia e Europa de Leste.

IP: De onde chegam a maioria dos pedidos de asilo ao nosso país?

MF: Em 2015, a nacionalidade predominante foi a Ucrainiana, seguida da Paquistanesa e da Chinesa.

IP: O CPR está a tomar precauções e medidas extraordinárias para fazer face à situação atual?

MF: Perante o aumento do número de pedidos de proteção, o CPR, no início de 2015 começou a encetar contactos juntos de autarquias do Norte ao Sul do país. Com o agudizar da pressão migratória na Europa, este trabalho começou a dar resultados mais concretos, com os municípios a responderem ao desafio do acolhimento. Acreditamos no trabalho em parceria para fazer face à situação atual.

IP: Existem alguns fatores que fazem com que a integração de alguém no nosso país corra melhor ou pior?

MF: A integração dos refugiados e deslocados, não depende apenas dos refugiados, ou do CPR, mas de toda a sociedade, porque ajudá-los a reconstruir as suas vidas num lugar seguro irá, certamente, beneficiar-nos a todos. Assim, acreditamos que a participação da sociedade civil é essencial na resposta aos desafios de se apoiar uma população tão vulnerável como os refugiados.

IP: Quais são as principais dificuldades de integração das pessoas que chegam?

MF: Os maiores desafios à integração dos refugiados e deslocados nos países de acolhimento são, sobretudo, a aprendizagem da língua, o reconhecimento das habilitações e revalidação de competências com vista à facilitação da integração no mercado de trabalho. **IP**

CARAVANA AYLAN

A força da vontade

No dia 12 de setembro, um grupo de amigos abalados pela brutal imagem de Aylan Kurdi, resolveu agitar consciências, as suas e a de muitos outros, arregaçar as mangas e agir. Nascia assim a Caravana Aylan.

Para além da adesão de inúmeras pessoas que de imediato se voluntariaram para ajudar, desde o primeiro momento foram muitas as empresas como o Grupo 8, o Grupo Bel, a Belmar e a Urbanos que aderiram de imediato, assim como inúmeras embaixadas, IPSS e outras organizações portuguesas. Do lado de lá, de quem conhece a realidade e está no terreno, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e a Cruz Vermelha Croata, abraçaram também a Caravana que vinha de Portugal para ajudar.

Em apenas dois dias, aquela que tinha sido só a reação, à destruição humana, de cinco amigos, contava já com 250 voluntários e 22 pontos de recolha espalhados por todo o país. O centro logístico sediado no Grupo Bel, ao quarto dia, face à adesão em massa e ao volume extraordinário de doações de alimentos, roupas, medicamentos, brinquedos e produtos de higiene, acabou por ser transferido para as instalações da Urbanos. Quanto às carrinhas planeadas para fazerem o trajeto até àqueles que mais precisavam, acabaram trocadas por três camiões TIR, pois só assim era possível fazer face aos donativos que não paravam de chegar.

Tinhas passado cinco dias desde que a aventura tinha começado e já muito se tinha passado. Tinha chegado a altura de uma equipa voar até Zagreb e no terreno estudar rotas e terrenos, planear a logística, contactar ONGs e outras organizações locais.



Momento da primeira entrega simbólica a Marija Dugalic, branch secretary da Cruz Vermelha Croata

© Aylan Kurdi Caravan

Ainda só tinha passado uma semana e a reta final já se aproximava. Enquanto saíam de Portugal três camiões TIR e um carro de apoio, no terreno, a primeira equipa continuava a visitar e a analisar fronteiras, tendo passado por Bregana, Tovarnik e Opatovac para melhor perceber onde a ajuda que vinha de Portugal seria mais necessária, já que as rotas dos refugiados, de entrada na Croácia, estavam constantemente a mudar.

Percorridos 3.000 quilómetros, a Caravana Aylan chegava finalmente a Vinkovci, às instalações da Cruz Vermelha Croata, para descarregar 66 toneladas de bens essenciais. A Cruz Vermelha agilizou o processo de distribuição com outras organizações de apoio aos refugiados e ao décimo segundo dia, curiosamente dia em que celebrava o Eid Al-Fitr, festa tradicional muçulmana em que se trocam presentes e se visita a família, a solidariedade portuguesa chegava aqui ao seu destino.

"Muitas pessoas se têm oferecido para ajudar, enquanto indivíduos, mas o povo português é o primeiro a oferecer ajuda de uma forma organizada e com esta escala e dimensão", relatava, na altura, Sanja Pupacic, do departamento de Migração e Asilo da Cruz Vermelha da Croácia.

Doze dias e 500 voluntários depois, a equipa da Caravana Aylan voltava a Portugal com o sentimento de missão cumprida e com a prova de que não há nada mais eficiente do que agirmos unidos pelo coração. Boa viagem. **IP**



Momento da entrega de um brinquedo a uma criança refugiada

© Aylan Kurdi Caravan

“Em apenas dois dias, aquela que tinha sido só a reação, à destruição humana, de cinco amigos, contava já com 250 voluntários e 22 pontos de recolha espalhados por todo o país.”

FAMÍLIA AO LADO

Conhecer a “Família ao Lado”

O projeto “Família do Lado” é uma iniciativa do Alto Comissariado para as Migrações (ACM), através da qual uma família aceita acolher em sua casa uma família que não conheça, constituindo-se pares de famílias, uma estrangeira e outra autóctone, ou vice-versa, para a realização de um almoço-convívio, típico da sua cultura, como forma de acolhimento do “Outro”.

A iniciativa que nasceu na República Checa em 2004, é hoje um projeto transnacional, que visa contribuir para uma integração mais efetiva dos imigrantes em Portugal, reforçando as relações sociais e promovendo a diversidade cultural existente no nosso país. Este ano, dia 22 de novembro, às 13 horas, os almoços multiculturais entre famílias aconteceram em todo o território nacional mas também em Espanha, na República Checa e em Cabo Verde.

A acontecer em Portugal desde 2012, a iniciativa Família do Lado conta já com muitas Autarquias e Juntas de Freguesia, Associações de Imigrantes, Associações Juvenis, Cooperativas, ONG, IPSS e Empresas, que todos os anos se inscrevem para apoiar a sua implementação a nível local.

Nada é deixado ao acaso e para que a implementação da iniciativa seja bem-sucedida e consequentemente mais alegre e prazerosa para todos os que nela participam, foi definida uma metodologia de apoio que integra 10 passos.

Poderão participar nesta atividade, famílias imigrantes e famílias autóctones que desejem contribuir para o processo de integração dos imigrantes residentes em Portugal.

As famílias interessadas em participar, autóctones ou estrangeiras, contam com o apoio da entidade organizadora na sua área de residência ao longo de todo o processo e podem inscrever-se online enquanto Família Anfitriã ou Família Visitante. Aqueles que gostavam de participar mas não o podem fazer enquanto Família, têm sempre a possibilidade como Assistente. O papel do Assistente é crucial e passa por acompanhar cada par de famílias, desde a inscrição até ao dia do encontro, fazendo parte do almoço.

Nas 3 edições anteriores foram realizados 242 encontros, em 55



concelhos de Portugal, onde estiveram presente 559 Famílias, das quais 309 famílias eram estrangeiras e 250 famílias, autóctones. Participaram 1.717 pessoas e 232 voluntários, de 50 países diferentes, da Alemanha a Angola, da Bielorrússia, ao Guatemala, da Índia à Tanzânia.

Portugal tem sido um dos países com maior número de encontros e famílias participantes. São vários os motivos que levam portugueses e estrangeiros a aderirem a esta iniciativa. Em Portugal existem mais de 170 nacionalidades falam-se mais de 100 línguas. A troca de experiências culturais, matar a curiosidade sobre outras culturas e aquilo que Portugal representa para quem chega de um país diferente ou conhecer melhor a cultura portuguesa, são só alguns deles. **IP**

COLEGIO DAS ESCRAVAS - PORTO

Aprender a Acolher

Quando no passado dia 4 de setembro nasceu a PAR - Plataforma de Apoio aos Refugiados, a Congregação das Escravas do Sagrado Coração de Jesus, estava lá. Queria ser das primeiras instituições a abraçar a ideia, o projeto, todo o processo. Queria ajudar, queria entusiasmar e inspirar. Cada comunidade comprometeu-se a fazer o que estivesse ao seu alcance, para lá das possibilidades evidentes, para acolher. E acolher bem.

O Colégio das Escravas do Sagrado Coração de Jesus no Porto, uma das comunidades da Congregação, cujo ano letivo acabava de começar sob o lema “Cuidar da Casa Comum”, não quis deixar que o entusiasmo passasse. Toda a comunidade educativa foi então convidada a tratar da “Casa Comum” mas também de todos os que nela habitam. Como quem só está bem em casa, quando os irmãos e os pais também o estão. Quando todos se dão bem apesar de todas as diferenças. Então, “Cuidar da Casa Comum” passou a ter como objetivo prioritário, tratar dos que estão desesperadamente à procura de um caminho para casa.

Ninguém dava nada pela casa em ruínas no fundo do terreno inutilizado e que um dia, quando fosse possível, serviria para alargar o espaço livre do colégio. O mais provável é que viesse abaixo para mais um bocadinho de espaço. Mas de repente, era evidente que poderia ser muito mais. Este podia ser o ponto de partida para acolher bem. Com o coração, com a comunidade, já com uma casa. O Colégio iria ser uma Instituição Anfitriã no âmbito do Programa PAR Famílias promovido pela PAR.

Ninguém ia ficar de fora. Era preciso envolver as crianças, dos 3 anos ao 9º ano, os professores e pais e, porque não, os que fornecedores. A maior prova de que o caminho a percorrer era o certo veio provavelmente do exemplo das crianças que, sem hesitações, quiseram de imediato saber mais sobre o que é ser refugiado, de onde vêm e porque vêm. Organizaram teatros sobre o tema, revelaram saber mais do que os adultos poderiam imaginar, contaram aos pais que não havia nada a temer, mostraram nos corredores o entusiasmo de querer receber. Mas acima de tudo, revelaram que para elas, o natural, era acolher.

“O que emociona todos é a Casa PAR ser tão rica em entusiasmo e amor, ponto de partida para, em pouco tempo, fazer tanto por esta comunidade”.



A tarefa de envolver os pais, ainda que não se adivinhasse difícil estava assim facilitada. Rapidamente o Colégio começou a receber o feedback de pais que, fosse através da sua experiência profissional, do seu tempo livre e das suas capacidades, todos queriam ajudar. Voluntariamente formaram grupos de apoio para pôr de pé a Casa PAR, ajudaram a organizar as diferentes etapas de construção deste projeto que já era tão acarinhado por todos. Ainda assim, era preciso mais.

Foi então que chegaram os fornecedores. Em conversas mais ou menos informais, foram-se apercebendo do que estava prestes a acontecer, outros foram diretamente convidados a participar. Nenhum quis ficar de fora: electricista, serralheiro, canalizador... todos quiseram ajudar, conscientes de que se mais iniciativas como esta existissem, “o país não estava no estado em que estava”, comentavam. O facto de se sentirem envolvidos tornava tudo ainda mais especial.

Os trabalhos de recuperação começaram sem demora. Os fornecedores tiraram medidas, arranjaram soluções, coordenaram trabalhos ofereceram horas de trabalho e todos os materiais que puderam. Estavam orgulhosos por fazer parte desta vontade imensa de acolher.

Os pais não quiseram ficar para trás. Organizaram listas de tudo o que seria preciso para equipar a casa, tal como uma lista de casamento, que depois publicaram no site do colégio para que todos pudessem saber o que poderiam doar e o que já estava assegurado, formaram equipas de bricolage, decoração e limpeza para que tudo ficasse pronto a receber uma família.

E os alunos... Os alunos que impacientes todos os dias esperavam que um amigo novo entrasse na sala. A falta de notícias é também para eles dolorosa e incompreensível. Estão prontos. Está tudo pronto. O coração deles esteve sempre pronto. Sempre que têm oportunidade perguntam aos “grandes” quando chega a família de refugiados, se podem ficar na turma deles, se podem levar coisas para a enfeitar a casa PAR. Procuram incessantemente, também eles ajudar. Os mais velhos têm a oportunidade de pintar o muro. E que sorte! Todos queriam participar mais de perto. Que privilégio este de poder aprender o bem, fazendo.

Foi preciso um mês para que a casa devoluta no fundo do quintal fosse recuperada, equipada, decorada. O orçamento inicial de 35.000 euros, com o contributo de todos, rapidamente se transformou num de 5.000. Contudo, quem viveu de perto este projeto sabe que isso será provavelmente o menos relevante. O que emociona todos é a Casa PAR ser tão rica em entusiasmo e amor, ponto de partida para, em pouco tempo, fazer tanto por esta comunidade. Ainda não chegou ninguém para morar na Casa PAR e esta já é uma casa cheia de sorrisos e acima de tudo, cheia de esperança. Esperança de poder acolher bem. **IP**

IKEA FOUNDATION

Ir mais além na responsabilidade social, faz bem

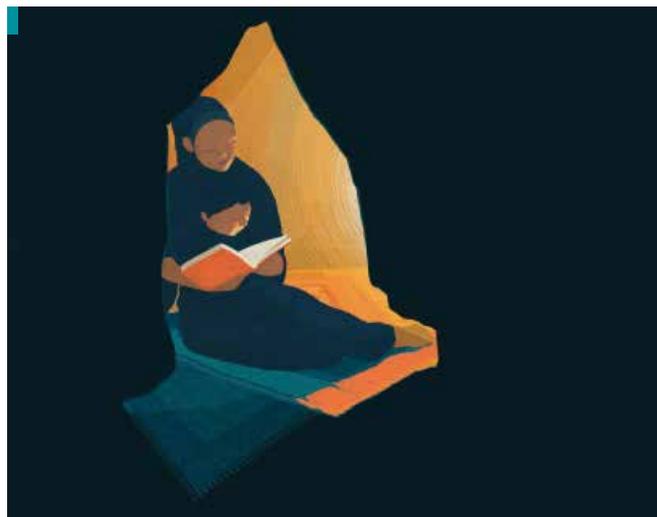
Até à data, a participação dos Clientes IKEA na Campanha Uma Vida Melhor para os Refugiados permitiu à IKEA Foundation doar mais de 18 milhões de euros para melhorar as condições de vida de refugiados na Ásia, África e no Médio Oriente.

Durante a campanha que vai já na sua terceira edição, por cada lâmpada ou candeeiro LED vendidos, a IKEA Foundation doa 1 euro para viabilizar novas fontes de iluminação e de energia renovável nos campos de refugiados do ACNUR, tornando-os lugares mais seguros para viver. Esta é apenas uma das iniciativas levadas a cabo pela Fundação com o objetivo de apoiar quem foge da guerra.

A IKEA Foundation tem vindo a apoiar o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) no sentido de tornar os campos de refugiados mais humanos e de apoiar programas que visem preparar os refugiados para uma vida melhor quando voltarem às suas origens.

Em 2010, a IKEA Foundation estabeleceu uma parceira única com o ACNUR para criar um abrigo alternativo para assistência na emergência e para além dela, designado “*Better Shelter*”. O resultado foi uma habitação temporária nova, inovadora e mais dignificante para famílias que tiveram de deixar as suas casas. Em 2011 seguiu-se mais uma campanha de loja a partir da qual foram doados 50.000 colchões e roupa de cama para ajudar os deslocados devido à violência na Líbia. Mas a IKEA Foundation sabia que através da sua experiência podia fazer ainda mais, aproveitando os conhecimentos que o desenvolvimento do próprio negócio proporciona. Foi assim que no ano seguinte começou a partilhar os conhecimentos dos colaboradores IKEA nas áreas da logística, compras, embalagens e transporte com o ACNUR, permitindo assim reforçar a sua capacidade de resposta. O envolvimento era cada vez maior e cada vez mais frutífero e o ano de 2014 revelou-se extremamente importante. Para além da primeira campanha “Uma vida Melhor para os Refugiados” ter sido um sucesso ao angariar 7,7 milhões de euros, foram feitos

“A IKEA Foundation sabe o impacto que tem na vida de pessoas concretas”



testes aos primeiros 53 protótipos da “*Better Shelter*” no norte do Iraque e em Dollo Ado, Etiópia. Os refugiados testam o design final do abrigo, para garantir que este oferece uma habitação digna e segura para milhões de famílias de refugiados. Como não há tempo a perder, no mesmo ano foi lançada a segunda edição da mesma campanha, arrecadando desta vez, 10,8 milhões de euros. Quando às “*Better Shelter*”, foram enviadas para o terreno 2.329 unidades.

Não é novidade, todos a gente foi assaltada durante o ano de 2015 por notícias que davam conta do agravamento da situação de milhões de refugiados no mundo inteiro. Sensível a isso, a Ikea Foundation faz um donativo ao ACNUR de 38 milhões de euros com o objetivo de tornar os refugiados e as sobrecarregadas comunidades de acolhimento no Burkina Faso e na Etiópia mais fortes, ao apoiar iniciativas de autossuficiência, melhorando os serviços básicos e encorajando uma coexistência pacífica. Revela, mais uma vez, estar preocupada e informada sobre os problemas e necessidades específicos sentidos por aqueles que fogem do terror e por aqueles que querem ajudar e já não têm mãos a medir. É então que a IKEA Foundation volta a dar provas de que sabe o que está a fazer e em conjunto com o ACNUR une esforços para desenvolver uma ideia de um modelo inovador que permite ajudar os refugiados a ultrapassar as barreiras linguísticas, que contribuem para reduzir o acesso a experiências educativas de qualidade e as hipóteses de uma boa integração nos países de acolhimento.

Atualmente outros dos projetos feitos em conjunto com o ACNUR passa pela procura de soluções de energia renovável e iluminação para melhorar as vidas de refugiados no Bangladesh, Etiópia, Sudão e Jordânia.

A IKEA Foundation sabe o impacto que tem na vida de pessoas concretas porque conhece a história de Nur Bahar, de 26 anos, mãe de Rubiya Akter, de 7, que agora se sente feliz por poder cozinhar. Ou de Tamara e Mohammad a viver no campo de refugiados de Azraq há um ano, com o filho de 4 anos, Mutaz, e a filha de apenas 18 dias, para quem “*A luz é tudo, porque as pessoas vão poder viver aqui*”. **IP**

RECONNECT

Reunir a família perdida

Milhares de pessoas em fuga, em direção à Europa, muitas delas morrendo pelo caminho. Famílias inteiras, pais, mães, filhos, avós, muitos deles separados durante a viagem, fugindo da guerra. Imagens e relatos que Marta Moita, investigadora principal do Programa Champalimaud de Neurociências, viu e ouviu diariamente nos últimos meses. E de repente, quis passar à ação.

Mais de metade da população síria deixou a sua casa. Muito embora uma grande parte tenha permanecido dentro do país, ou recorrida a países vizinhos como o Líbano, a Turquia ou a Jordânia, muito embarcaram em viagens perigosas à procura de um refúgio seguro. Muitas das etapas destas viagens são altamente stressantes e caóticas levando muitas vezes à separação das famílias. Só este ano, até outubro, cerca de 10.000 crianças desacompanhadas chegaram a Itália e a Malta. Para além do trauma, a desagregação das famílias tem um enorme impacto na saúde dos seus membros e na capacidade de reconstruírem as suas vidas. Mais, os refugiados que estão sozinhos são mais facilmente vítimas de tráfico humano.

Marta juntou um pequeno grupo de pessoas - uma ilustradora, um artista, um músico e uma professora de literatura - que a ajudaram a por de pé uma campanha de crowdfunding na plataforma indiegogo, a que chamaram “Reconnect”, para apoiar o Programa de Reunião Familiar do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

O ACNUR e os seus parceiros está singularmente posicionada para restabelecer os laços entre os diferentes membros de uma família. Estando em contacto direto com os refugiados, o programa de reunião familiar começa com o seu registo. Através destas bases de dados vão procurar os parentes desaparecidos. Se não estiverem registados, são ativados inquéritos a funcionários e voluntários localizados nos sítios onde foram vistos pela última vez. Numa segunda etapa, são providenciados documentos, tais como os passaportes legais, essenciais para a proteção dos refugiados contra abusos e contrabando. O ACNUR toma conta do refugiado, providenciando abrigo e bens essenciais, até que se reúna com a sua família.

O objetivo de partida da campanha de crowdfunding levada a cabo por Marta Moita era angariar 25 mil euros. Com essa verba, o ACNUR consegue dar abrigo a 100 pessoas, enquanto



aguardam em segurança que a sua família seja localizada. Porque antes do acolhimento, é importante que os refugiados não estejam sós: “A melhor rede de suporte é a reintegração familiar”, conclui Marta Moita.

No final da campanha, Marta não conseguiu arrecadar 100% do valor sugerido mas conseguiu 87%, o que equivale a cerca de 20.057 euros. Este valor é suficiente para manter cerca de 80 pessoas a salvo enquanto se procuram os membros das suas famílias.

A campanha contou com 457 contribuições de 20 países diferentes e foi partilhada por mais de 600 pessoas. Para além do dinheiro angariado, outro objetivo foi alcançado: consciencializar as pessoas sobre a realidade vivida por tantas famílias e as consequências devastadoras e marcantes de experiências como estas.

No final Marta Moita partilhou com todos os que contribuíram para a campanha Reconnect a história de Naasan, a mulher e o filho. Na imagem vê-se este pai, refugiado Sírio, abraçar o seu filho de quatro anos, Muhamad. Naasan e a sua mulher perderam o filho numa multidão na fronteira entre a Sérvia e a Croácia. Demorou quatro dias, mas o ACNUR e as equipas de organizações parceiras trabalharam em conjunto para conseguir juntar toda a família de novo. O final é feliz. Todos podemos fazer parte dele. [IP](#)

Só este ano, até outubro, cerca de 10.000 crianças desacompanhadas chegaram a Itália e a Malta”.

RIACE

Acolher compensa

Enquanto por toda a Itália se fazia sentir uma grande controvérsia em relação à quantidade de refugiados e migrantes que chegava, em Riace, uma pequena cidade de Locri, na qual nos últimos 17 anos se tinha feito sentir uma dura crise económica, houve um verdadeiro renascimento graças aos projetos de acolhimento e integração daqueles que vinham pedir ajuda. Riace contava com apenas 900 habitantes no final dos anos 90. Hoje em dia, vivem nesta localidade 2800 pessoas, 400 migrantes e refugiados provenientes de 25 países.

Quem passeia pelas ruas da cidade fica imediatamente ciente de que esta se tornou multiétnica, estando a maioria dos migrantes, requerentes de asilo e refugiados, perfeitamente integrados na comunidade local. É o próprio Presidente da Câmara, Domenico Lucano, que tem estado, nos últimos anos, na vanguarda da gestão de diversos projetos e iniciativas que oferecem emprego e permitiram dar um forte impulso a economia local. Dezenas destes projetos são oficinas de produção de artesanato e seis são cooperativas.

Revitalizar

Domenico disse recentemente a um jornal italiano que "foram os migrantes e os resíduos que permitiram construir o resgate de Riace". Há pouco tempo a cidade não era mais que uma cidade abandonada, "hoje, todas as casas estão ocupadas e vivemos em paz, com serenidade", refere.

Uma das cooperativas locais faz a gestão do sistema de recolha de resíduos. Um dos funcionários é Daniel Yaboah, ganês de 32 anos. Chegou a Itália com a sua mulher em 2008 e vive



há quatro anos na cidade. A mulher de Yaboah, por sua vez, trabalha como cabeleireira. Na cidade calabresa existem 77 italianos que trabalham em vários projetos de acolhimento como mediadores culturais e intérpretes.

Também Haregu, a viver em Riace há quatro anos, desde que conseguiu fugir da Eritreia, trabalha num dos ateliês de artesanato criados pela Città Futura, uma associação que gere, em parceria com o Ministério da Administração Interna italiano, um programa de proteção de refugiados e de requerentes de asilo. Os habitantes de Riace dão uma ajuda financeira a este programa que inclui aulas de italiano e alojamento para os que vão chegando.

Em Riace inventou-se uma espécie de moeda local. Trata-se de um bônus que se pode gastar em todas as lojas do município. Quando chegam os fundos acreditados pela Câmara Municipal e o Ministério da Administração Interna, o bônus é transformado em euros. Ao jornal italiano, o presidente da Câmara explica que "esta é uma maneira de lidar com os atrasos sem bloquear a demonstração de fluxos". "A nossa experiência", revela "tem funcionado bem".

O mecanismo existe desde 1998, ano em que chegou a Riace um barco com cerca de 300 refugiados curdos. Foi nessa altura que se criou a Città Futura, uma iniciativa daquele que viria a ser o presidente da Câmara de Riace, Domenico Lucano, que todos tratam carinhosamente por Mimmo. "Foi uma estratégia

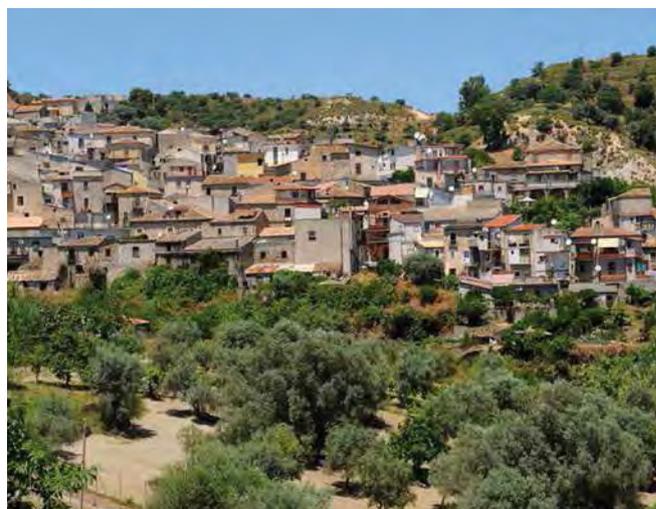
que nos permitiu adotar uma dinâmica social que tornou possível renovar serviços fundamentais como a escola, por exemplo. Mas, do ponto de vista económico, permitiu também recuperar muitos estabelecimentos comerciais que tinham fechado. A vinda destas pessoas trouxe esperança, tanto para os que chegaram, como para os que já cá estavam”, declara Lucano, à euronews.

A incerteza

As fragilidades também existem e estão claramente identificadas. Apenas uma minoria das famílias que chegam aqui decide instalar-se a longo prazo. A escola da aldeia tem apenas onze alunos, seis dos quais estrangeiros. A professora, Maria Grazia Mittica, revelou à euronews que “sem os meninos estrangeiros, a escola já teria fechado. Mas a turma está sempre a mudar, porque há crianças a chegar e a ir-se embora.”

Daniel veio do Gana há seis anos. Trabalha na recolha do lixo. Afirma que o futuro é sempre incerto, mas que a sua intenção é de ficar durante muito tempo nesta localidade que o acolheu a ele e à sua família: “Esta terra significa muito para mim. As pessoas aqui são muito boas e simpáticas para toda a gente. Não há discriminação. Sou muito feliz aqui”. Os seus dois filhos nasceram em Riace. Chamam-se Cosimo e Domenico, uma homenagem a um dos padroeiros de Riace e ao presidente da Câmara. “Eu queria que isto se tornasse num exemplo para o mundo inteiro, para todos os outros países europeus. Se decidirem ajudar

“Riace contava com apenas 900 habitantes no final dos anos 90. Hoje em dia, vivem nesta localidade 2800 pessoas, 400 migrantes e refugiados provenientes de 25 países”.



os estrangeiros, os estrangeiros estão dispostos a ajudar também”, diz. Também há quem relate as dificuldades que se atravessam fruto da crise económica que, para todos os efeitos, ainda se faz sentir. Esse foi o motivo que levou muitos dos filhos da terra a procurar novas paragens. É o caso de Francesco Capece: “Emigrei por causa do trabalho. Foi em 1996, fui para a região de Piemonte, para Turim. Aqui não há nada, não é possível criar uma família. Não há futuro. Antigamente, havia muito trabalho, mas agora, não. Só há imigrantes, pronto. Mas foi graças a eles que a terra renasceu um bocado”, contou à euronews. Também quem chega sente, por vezes dificuldades. A falta de emprego ainda se sente e mesmo com o apoio das associações, as possibilidades em Riace são limitadas, o modelo de acolhimento não dá todas as respostas.

Mais do que um ponto de chegada ou de passagem, Riace é acima de tudo um ponto de esperança. Não só para aqueles que aqui chegaram a fugir da guerra mas também para aqueles que de alguma forma aqui estavam abandonados. O caminho é longo, está longe de ser perfeito, mas existem claros sinais de que o esforço conjunto compensa, fortalece e revitaliza, os sítios e as pessoas que mais precisam. **IP**

workshops calltoaction^{hand} PORTO



**TORNE-SE ESPECIALISTA
EM FUNDRAISING!**

22 Janeiro

Fundraising Online

29 Janeiro

Como angariar fundos junto de empresas

INSCREVA-SE JÁ!

www.calltoaction.pt

EM ABERTO

CANDIDATURAS ABERTAS AO PROGRAMA DIREITOS, IGUALDADE E CIDADANIA

Estão abertas até dia 28 de fevereiro, as candidaturas ao Programa Direitos, Igualdade e Cidadania: Subvenções de ação para prevenir e combater o racismo, a xenofobia, a homofobia e outras formas de intolerância. O convite à apresentação de propostas baseia-se no Programa de trabalho anual de 2015 sobre Direitos - Programa de Igualdade e Cidadania (REC Programa) que tem como objetivo cofinanciar projetos transnacionais que tenham como objetivo prevenir e combater o racismo, a xenofobia, a homofobia e outras formas de intolerância. Outros dos objetivos que se pretendem atingir é o treino e capacitação para o reforço das medidas penais no que respeita ao crime de ódio e incitação ao ódio (TRAI); para além da capacitação e apoio às vítimas de crimes de ódio e incitação ao ódio (VICT). Podem candidatar-se todos os Estados-membros, organizações públicas ou privadas ou organizações que façam parte de um organismo internacional e ainda organizações sem fins lucrativos. O formulário de candidatura e todos os modelos obrigatórios para os anexos podem ser descarregados do PRIAMOS sob a referência da candidatura JUST/2015/RRAC/AG.



CAPACITAR NO FEMININO. ABERTAS AS CANDIDATURAS AO PWN LISBON

Estão abertas as candidaturas para a 5ª edição do Programa de Mentoring da Professional Women's Network (PWN) Lisbon. Esta é uma iniciativa pioneira em Portugal que já mudou a vida a mais de 160 mulheres, comprovando ser uma poderosa ferramenta de desenvolvimento pessoal e profissional, independente de instituições académicas ou empresas. O Programa de Mentoring da PWN Lisbon estabelece duplas entre Mentoradas, participantes no PWN Lisbon e Mentores que são referências na sua área de atuação e consiste numa relação de compromisso, numa base de voluntariado, que envolve partilha de conhecimento e experiências, num caminho de aprendizagem para o alcance de objetivos pré-definidos pelas Mentoradas. O Programa, com duração de 12 meses, destina-se a mulheres de diferentes setores e níveis de carreira e conta com o contributo valioso de Mentores, de mais de 15 setores e indústrias, e para os quais a paixão pelo Mentoring é um denominador comum. Nilza Lafayette, Process Lead, participante da 4ª edição, testemunhou as virtudes e êxito do programa: *"Possibilitou-me desenvolver estratégias para alcançar os meus objetivos profissionais, bem como uma maior consciência da minha força, valores e ambição. Sem dúvida, uma experiência gratificante!"*, refere. *"É uma ferramenta ponderosa de desenvolvimento profissional e pessoal. Enquanto mentor é sempre uma oportunidade para ajudar os outros, compreender os seus desafios e aprender sobre novos sectores de negócio"*, disse por sua vez, a consultora Mariana Branquinho. Até 15 de janeiro decorre a 1ª fase de candidaturas que, após uma triagem, levará as candidatas selecionadas a uma 2ª fase de entrevistas individuais. As vagas são limitadas e ocupadas por ordem de aceitação no programa. As interessadas devem submeter a sua candidatura através de um formulário online, e anexar o CV e uma fotografia. O programa tem um custo associado de €75.

ACREDITA PORTUGAL LANÇA NOVOS CONCURSOS DE EMPREENDEDORISMO

A Associação Acredita Portugal abriu as candidaturas até dia 22 de janeiro para os concursos de empreendedorismo, "Realize o Seu Sonho" e "InovPortugal", que premeia os projetos vencedores com mais de 500.000 euros em serviços. Estes concursos são abertos a todos os portugueses, independentemente da sua idade, localização geográfica, formação ou experiência profissional. Para concorrer basta ter vontade empreendedora, uma ideia ou um simples plano de negócios. As inscrições são gratuitas e cada candidatura é submetida em apenas 30 segundos. Todos os projetos são válidos, independentemente do setor de atividade ou fase de desenvolvimento em que se encontram. O concurso Realize o Seu Sonho encontra-se na 6ª edição e premeia projetos nas áreas de Comércio e Serviços, Indústria e Empreendedorismo Social. As ideias ou projetos podem ser submetidas em www.oseusonho.org. Por sua vez, o concurso InovPortugal encontra-se na 4ª edição e procura projetos de rutura, inovação tecnológica e ambição global. As inscrições podem ser feitas em www.inovportugal.org. Após a inscrição é possível ter acesso a um software pedagógico interativo gratuito, denominado DreamShaper que ajuda a transformar uma ideia num plano de negócios. Esta ferramenta online usa uma metodologia acessível a todos os portugueses, independentemente do seu grau de escolaridade.



50.000 EUROS PARA BOAS IDEIAS PORTUGUESAS

O FAZ - Ideias de Origem Portuguesa volta a financiar três projetos inovadores e com impacto social. É possível submeter ideias até 29 de fevereiro. A Fundação Calouste Gulbenkian e a COTEC estão, uma vez mais, à procura das melhores ideias de rótulo português. O FAZ - Ideias de Origem Portuguesa vai financiar três projetos de empreendedorismo e/ou inovação social. A proposta vencedora tem direito a 25 mil euros, enquanto os segundo e terceiro colocados têm acesso a um financiamento de 15 mil e 10 mil euros, respetivamente. O concurso de empreendedorismo visa incentivar a implementação de novas soluções às «necessidades sociais mais prementes», em setores como o ambiente e a sustentabilidade, a inclusão social, o diálogo intercultural e o envelhecimento. A iniciativa está aberta a todos os cidadãos de nacionalidade portuguesa e ainda a luso-descendentes. Para participar, deves criar uma equipa de até três elementos, fazer um registo no portal do concurso e criar um vídeo que transmita o potencial da tua ideia. Podes concorrer até 29 de fevereiro. As dez ideias finalistas são divulgadas no dia 17 de abril, ficando para 10 de junho o anúncio dos três projetos vencedores do FAZ - Ideias de Origem Portuguesa. Na última edição do concurso, o grande vencedor foi o projeto Rio Frio - Território Criativo, cujo conceito passa pela instalação de rebanhos comunitários em terrenos baldios de forma a reduzir o risco de incêndio no concelho de Arcos de Valdevez. *«Depois de vários meses de trabalho para a concretização do projeto, no próximo mês de dezembro, um primeiro rebanho de 50 cabras autóctones irá para o terreno cobrindo 15 hectares»*, refere comunicado. O FAZ - Ideias de Origem Portuguesa foi criado, em 2010, pela Fundação Calouste Gulbenkian, com o intuito de recorrer à «experiência, o talento e o dinamismo dos emigrantes portugueses em benefício do seu país de origem».

JÁ ATRIBUIDOS



EMPREENDEDORES PORTUGUESES NA FINAL DA CREATIVE BUSINESS CUP (CBC)

Portugal esteve representado, em Copenhaga, em mais uma edição da Creative Business Cup (CBC), por três empresas nacionais.

Foram elas a Spranger, a Miss Can e a Doctor Gummy.

A Spranger, criada por um jovem de 16 anos, apresentou uma solução inovadora integrada nos auscultadores (earphones/headphones), que permite detetar se os auscultadores estão no ouvido/na orelha ou fora. Com esta tecnologia passa a ser possível fazer com que o auscultador emita automaticamente uma ordem de pausa para o equipamento sempre que retirado do ouvido e retome o modo "play" assim que colocado de novo. A empresa foi uma das 20 finalistas do prémio CBC Investor Board, no Creative Business Cup. A Miss Can marcou presença no evento com as suas conservas bem portuguesas de atum, bacalhau, cavala e sardinha de excelente qualidade. A Miss can concorreu no segmento Arla Food Innovation Challenge e também arrecadou o primeiro prémio. Por sua vez, a Doctor Gummy revelou as suas gomas 100 por cento naturais e saudáveis. Produto fabricado sem glúten, sem lactose, sem açúcares e sem corantes e conservantes artificiais. A Doctor Gummy concorreu na categoria Health Innovation e arrecadou também o primeiro prémio.



ESULTOR RUI CHAFES RECEBE PRÉMIO PESSOA

Nwo ano em que se assinalam 80 anos desde a morte de Fernando Pessoa, a 29ª edição do prémio com o nome do poeta é atribuída pela primeira vez a um artista na área da escultura, Rui Chafes.

Atribuído todos os anos pelo semanário Expresso e patrocinado pela Caixa Geral de Depósitos, o prestigiado prémio no valor de 60 mil euros tem também o objetivo de reconhecer o contributo cultural ou científico de uma personalidade. Entre os anteriores vencedores do prémio estão nomes como o investigador António Damásio (1992), Herberto Helder (1994), João Lobo Antunes (1996), Manuel Alegre (1999) ou Richard Zenith (2012). Em 2014, foi distinguido o historiador de ciência Henrique Leitão. Desde 1990 que o prémio Pessoa não era atribuído a um artista plástico. Nessa altura, a pintora Menez recebia a distinção. Na conferência onde foi anunciado o nome vencedor de 2015, Francisco Pinto Balsemão, diretor do Expresso e presidente do júri, destaca que "Rui Chafes consegue o feito raro de produzir uma obra simultaneamente sem tempo e do seu tempo". José Luís Porfírio, outro dos elementos que decidiu a atribuição do prémio, enfatiza uma obra "singularíssima e muitíssimo forte" em contacto com "a floresta, com referências ao romantismo alemão, que o marca muitíssimo".

"MENTES BRILHANTES" VENCE PRÉMIO MANUEL ANTÓNIO DA MOTA

O projeto da FUNDAÇÃO ADFP - Assistência, Desenvolvimento e Formação Profissional da vila de Miranda do Corvo, no distrito de Coimbra, foi o grande vencedor da sexta edição do prémio Manuel António da Mota no ano em que o tema foi a inovação social. O projeto prevê dar aos alunos, neste momento, do 4º ano, mais estímulos educativos e descobertas de novos conceitos que não são possíveis de ser dados nas aulas "normais" e que saem dos programas curriculares do ministério da educação. As aulas são ministradas num pequeno laboratório do Centro Escolar de Miranda do Corvo. No início destas aulas, os pequenos estudantes, vestem uma bata branca e põem um crachá de identificação que os transforma em pequenos cientistas. É desta maneira que realizam experiências com a orientação e ajuda de uma bioquímica e de uma bióloga. O projeto contempla também a presença constante de um psicólogo, que periodicamente realiza testes de orientação profissional de cada miúdo. O projeto pretende encontrar e fomentar os talentos de cada criança ao mesmo tempo que lhe é dada a possibilidade e orientação de seguir este ou aquele caminho até chegar a uma profissão de sucesso. Este é o segundo ano que o projeto está a ser implementado. O primeiro ano foi só com as turmas de 4º ano do Centro Escolar. Este ano o laboratório "portátil" do "Mentes Brilhantes" já está a levar o projeto a todas as turmas de 4º ano de todas as escolas do primeiro ciclo do concelho de Miranda do Corvo. O projeto "Mentes Brilhantes" tem como objetivo despertar os alunos mais desfavorecidos do concelho para uma cultura científica que aumente o seu gosto pelo conhecimento, promovendo uma comunidade escolar assente na partilha do saber, aproximando-a dos institutos de investigação científica, ao mesmo tempo, que se impulsiona a inclusão e a promoção de talentos. Sem substituir o papel da escola, o projeto quer potenciar os talentos dos alunos do concelho de Miranda do Corvo.



BIPP VENCE PRÉMIO BPI CAPACITAR

No âmbito da 6ª edição do Prémio BPI Capacitar, o BPI entregou ontem, Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, 700 mil euros a 25 instituições para apoiar projetos que promovam a melhoria da qualidade de vida e a inclusão social de pessoas com deficiência ou incapacidade permanente, mais 200 mil euros do que nas edições anteriores. O primeiro prémio foi entregue à BIPP – Soluções para a Deficiência, para o desenvolvimento de um projeto de formação e capacitação no sector agrícola que visa empregar jovens adultos com necessidades especiais. O BPI distinguiu ainda outras 24 instituições das 277 candidaturas recebidas, uma seleção baseada na qualidade técnica e sustentabilidade dos projetos apresentados. Para Fernando Ulrich, presidente do BPI, "As pessoas com deficiência são um dos segmentos mais vulneráveis da nossa sociedade e que necessitam de toda a nossa atenção. Com este prémio pretendemos distinguir e dar a conhecer o trabalho notável que centenas de instituições fazem, diariamente, na luta pela inclusão social e pela melhoria da qualidade de vida destas pessoas. O facto de em 2015 reforçarmos este prémio, com uma doação adicional de 200 mil euros, é sinal do compromisso do BPI com esta causa". Criado em 2010, o Prémio BPI Capacitar é um dos maiores prémios de responsabilidade social em Portugal que, no total das suas seis edições, já apoiou 106 projetos com donativos totais de 3,2 milhões de euros, contribuindo para melhorar o dia-a-dia de mais de 24 mil pessoas.

SITES



Humans of the Refuge

Siga esta página de Facebook criada para contar as histórias de refugiados e ajudar a não esquecer que refugiados, são pessoas. É importante que sejam contadas e que sejam ouvidas. Todas as histórias contam e ninguém fica completo sem a sua história. Como disse o escritor nigeriano, Chimamanda Ngozi Adichie, *"as histórias também podem ser contadas para humanizar e capacitar. As histórias podem acabar com a dignidade das pessoas, mas também podem reparar a dignidade perdida"*. Não perca. <https://www.facebook.com/HumansOfTheRefuge>



Two Billion Miles: interactive video story

Os refugiados fugiram das suas casas e fizeram viagens até à Europa para escapar a uma guerra civil, à pobreza e à miséria dos campos de refugiados. Aqueles que requereram asilo na Europa em 2015 viajaram coletivamente mais de 2 mil milhões de milhas: uma estimativa conservadora baseada nas rotas mais curtas entre os seus países de origem e os países europeus. Através deste vídeo interativo é possível seguir os passos de refugiados, saber como enfrentaram as dificuldades de meses na estrada. Escolha o seu percurso e vá tomando as decisões difíceis ao longo da história, com imagens reais de viagens extraordinárias, sem precedentes. <http://twobillionmiles.com/>



I am a refugee: Faces of Europe's Asylum Seekers

Este é um pequeno vídeo de cerca de dois minutos criado pela Open Society Foundations (www.opensocietyfoundations.org). Um apelo para que a Europa, com uma história tão forte de proteção daqueles que fogem da violência e da perseguição, especialmente desde a II Guerra Mundial, continue a abraçar aqueles que precisam de um refúgio seguro. Conheça o rosto de alguns refugiados que ajudam a construir a Europa que hoje conhecemos, todos os dias. <https://youtu.be/vsfKde9c4fg>



I'm Muslim, But I'm Not...

Este é um pequeno vídeo de dois minutos que ajuda a desmistificar preconceitos religiosos em relação aos muçulmanos. Um filme leve e descontraído, com sentido de humor e acima de tudo muito humanismo que revela pessoas muito diferentes umas das outras, muçulmanas. *"Eu sou muçulmano, mas tu podes ser aquilo que quiseres ser"*, é a ideia principal transmitida. Vale a pena ver. <https://youtu.be/JMQjyRc7eiY>

FONTES



Let me tell you about my mosque, de Tasbeeh Herwees

A história contada na primeira pessoa por Tasbeeh Herwees, na revista GOOD, disponível gratuitamente online, revela como tantas vezes as ideias que nos chegam sobre a prática religiosa do Islão, são erróneas e radicais, escondendo o lado bom e o direito de cada um, de crescer de uma forma saudável, segundo seja que religião for. É também claro, ao ler “*Let me tell you about my mosque*” como são desajustadas as generalizações.

<http://magazine.good.is/articles/let-me-tell-you-about-the-mosque-i-grew-up-in>



“The European Refugee Crisis and Syria Explained”, In a Nutshell – Kurzgesagt

Uma infografia animada que permite a qualquer um, de uma forma simplificada, ficar a conhecer os principais aspetos do conflito sírio e da crise de refugiados atual. Um vídeo de seis minutos que poderá ser o ponto de partida para que jovens e adultos fiquem a par de como tudo começou e se veio a desenvolver nos últimos tempos. Porque é que a crise dos refugiados tem tos este impacto? Porque é que está relacionada com a Síria? Porque é que nos devemos preocupar? São só algumas das questões que se levantam. Obrigatório.

<https://youtu.be/RvOnXh3NN9w>



Global Trends - Forced Displacement in 2014, ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados)

Este é um relatório do ACNUR fundamental que retrata os deslocamentos por todo o mundo que batem um recorde histórico devido ao aumento de guerras e perseguições no último ano. Consulte aqui muita informação sobre esta realidade, dados sobre cada país, demografia, número de pessoas que regressam aos seus país, estimativas disponíveis de população apátrida, e muito mais. Muito embora o relatório diga respeito a 2014 e o ano de 2015 tenha sido particularmente extraordinário, tendo muito das realidades retratadas mudado radicalmente no espaço de um ano, vale a pena ler.

<http://unhcr.org/556725e69.html>



Revista “Refugiados”

Uma pequena revista que tem como objetivo desfazer medos e mitos através de factos e argumentos que ajudam a compreender melhor a situação atual. Números sonantes e representativos relacionados com a crise dos refugiados, artigos da autoria de alguns dos maiores experts nacionais sobre o tema. Fique a saber mais sobre a origem, a crise e tudo o que esta representa nos países do Médio Oriente e da Europa. Factos e argumentos sobre a realidade por trás do mediatismo, disponível impressa e também digital.

<http://issuu.com/ipav/docs/refugiados/1?e=6119874/31148028>

LEGISLAÇÃO

PRINCIPAIS COMPROMISSOS EUROPEUS DE PORTUGAL

Resolução da Assembleia da República n.º 139/2015, DR Série I, N.º 237, de 3 de dezembro

Reafirma os principais compromissos europeus de Portugal.

MODELO DE TÍTULO DE VIAGEM PARA REFUGIADOS

Portaria n.º 412/2015, DR Série I, N.º 233, de 27 de novembro

Altera (primeira alteração) a Portaria n.º 302/2015, de 22 de setembro, que aprova o modelo de título de viagem para os cidadãos estrangeiros residentes em Portugal na qualidade de refugiados.

NOMEAÇÃO DE MINISTROS DO NOVO GOVERNO

Decreto do Presidente da República n.º 129-C/2015, DR Série I, N.º 232, de 26 de novembro

Nomeia, sob proposta do Primeiro-Ministro, Augusto Ernesto Santos Silva Ministro dos Negócios Estrangeiros, Maria Manuel de Lemos Leitão Marques Ministra da Presidência e da Modernização Administrativa, Mário José Gomes de Freitas Centeno Ministro das Finanças, José Alberto de Azeredo Ferreira Lopes Ministro da Defesa Nacional, Maria Constança Dias Urbano de Sousa Ministra da Administração Interna, Francisca Eugénia da Silva Dias Van Dunem Ministra da Justiça, Eduardo Arménio do Nascimento Cabrita Ministro Adjunto, João Barroso Soares Ministro da Cultura, Manuel Frederico Tojal de Valsassina Heitor Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Tiago Brandão Rodrigues Ministro da Educação, José António Fonseca Vieira da Silva Ministro do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Adalberto Campos Fernandes Ministro da Saúde, Pedro Manuel Dias de Jesus Marques Ministro do Planeamento e das Infraestruturas, Manuel de Herédia Caldeira Cabral Ministro da Economia, João Pedro Soeiro de Matos Fernandes Ministro do Ambiente, Luís Manuel Capoulas Santos Ministro da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural e Ana Paula Mendes Vitorino Ministra do Mar.

REGIMES DE PAGAMENTO NO ÂMBITO DO PDR 2020

Portaria n.º 409/2015, DR Série I, N.º 232, de 25 de novembro

Altera (primeira alteração) a Portaria n.º 57/2015, de 27 de fevereiro, que aprova, em anexo, o Regulamento de aplicação dos regimes de pagamento base, pagamento por práticas agrícolas benéficas para o clima e para o ambiente, pagamento para os jovens agricultores, pagamento específico para o algodão e regime da pequena agricultura, no âmbito do PDR 2020.

FUNDO PARA O ASILO, A MIGRAÇÃO E A INTEGRAÇÃO

Portaria n.º 407/2015, DR Série I, N.º 230, de 24 de novembro

Define as condições de acesso e as regras gerais de cofinanciamento comunitário aos projetos apresentados ao abrigo do Fundo para o Asilo, a Migração e a Integração.

DISPOSIÇÕES NO ÂMBITO DO PROGRAMA NACIONAL PARA INFEÇÃO VIH/SIDA E DO SI.VIDA

Despacho n.º 13447-B/2015, DR Série II, N.º 228, de 20 de novembro

Estabelece disposições referentes à dispensa de terapêutica antirretrovírica, no âmbito do Programa Nacional para Infecção VIH/SIDA e do sistema informático SI.VIDA.

PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO DAS PESSOAS INFETADAS POR VIH

Despacho n.º 13447-C/2015, DR Série II, N.º 228, de 20 de novembro

Estabelece disposições e determina o processo de referenciação das pessoas infetadas por VIH, ou com teste reativo para o VIH para confirmação laboratorial, procedentes de serviços e estabelecimentos do Serviço Nacional de Saúde ou de entidades que com este celebraram acordos para realização de prestações de saúde.

AS INFORMAÇÕES CONSTANTES NESTA SECÇÃO BASEIAM-SE NOS TEXTOS LEGAIS, MAS NÃO DISPENSAM A CONSULTA DOS DIPLOMAS ORIGINAIS.

Ser Refugiado: o que esperar?

Por Margarida Couto e Maria Folque,
Veira de Almeida & Associados

Angelika Namaika, freira e enfermeira congoleza foi distinguida em 2013 pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (“ACNUR”) com o *Prémio Nansen para Refugiados* por percorrer diariamente de bicicleta as ruas do Congo para dar assistência a mulheres vítimas de violência, no conflito em curso neste país há mais de 30 anos, e que se estima tenha obrigado já cerca de 2,6 milhões de pessoas a deslocar-se das suas comunidades. Atualmente, estima-se que seja este o número de afegãos a viver no exílio, tendo o ACNUR atribuído este ano aquele prémio a Aqeela Asafi, professora afegã de 49 anos, ela própria também refugiada, pelo trabalho desenvolvido na educação primária de cerca de mil meninas refugiadas no Paquistão. Numa altura em que vivemos a maior crise migratória desde a II Guerra Mundial, em que o ACNUR estima que, só em 2014, cerca de 13,9 milhões de pessoas terão sido forçadas a deslocar-se das suas comunidades devido a conflitos ou perseguições, estes são os heróis dos nossos tempos que nos inspiram e que todos devíamos conhecer. Presentemente a sociedade está cada vez mais sensível para esta realidade, mas até há bem pouco tempo, quando se falava em refugiados, muitas vezes esquecia-se o que é central à essência deste conceito: um grave problema de Direitos Humanos, em que está em causa, porventura, o instinto mais básico do ser humano, a luta pela sobrevivência. Em Portugal é a Lei 27/2008, de 30 de Junho, posteriormente alterada pela Lei 26/2014, de 5 de Maio, que estabelece o regime jurídico do asilo, que prevê as condições e procedimentos de concessão e os estatutos de asilo ou proteção subsidiária (“Regime Jurídico do Asilo”). Esta legislação transpõe para a ordem jurídica interna as Diretivas Europeias aplicáveis nesta matéria e é interpretada e integrada de acordo com a Declaração Universal dos Direitos do Homem e outra legislação internacional relevante neste contexto. O Regime Jurídico do Asilo estabelece que são elegíveis para requerer asilo em Portugal ao abrigo do estatuto de refugiado os estrangeiros e apátridas que recebem, com razão, ser perseguidos (a) em consequência de atividade exercida no Estado da sua nacionalidade ou da sua residência habitual em favor da democracia, da libertação social e nacional, da paz entre os povos, da liberdade e dos direitos da pessoa humana ou (b) em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, convicções políticas ou pertença a determinado grupo social, se encontrem fora do país de que são nacionais ou onde tinham a sua residência habitual, respetivamente,

“Como se pode ver, o Estado português assume assim um conjunto de obrigações perante estas pessoas. Mas, no contexto da maior crise de refugiados na Europa de que se tem memória, verificamos que é na sociedade civil que se gera a maior onda de solidariedade.”



Margarida Couto

Maria Folque

e não possam (ou, em virtude daquele receio, não queiram) pedir a proteção desse país. São ainda elegíveis para requerer asilo em Portugal ao abrigo da proteção subsidiária do Regime Jurídico do Asilo os estrangeiros e apátridas que, não estando em nenhuma das situações previstas no parágrafo anterior, sejam impedidos ou se sintam impossibilitados de regressar ao país da sua nacionalidade ou da sua residência habitual devido à sistemática violação de direitos humanos que aí se verifique ou por correrem o risco de sofrer ofensa grave (pena de morte ou execução e tortura, entre outras). Contudo, os estrangeiros ou apátridas que estejam numa das situações previstas nos parágrafos anteriores deixam de poder beneficiar do direito de asilo caso, por exemplo, se conclua que a pessoa em causa representa um perigo ou fundada ameaça para a segurança interna ou externa ou para a ordem pública e, em particular no caso do estatuto de proteção subsidiária, quando se verifique que cometeu crime(s) puníveis com pena de prisão em Portugal e que deixou o seu país de origem unicamente com o objetivo de evitar a sanção correspondente.

Os estrangeiros ou apátridas podem pedir asilo em Portugal apresentando o respetivo pedido por escrito ou oralmente junto do Serviço Estrangeiros e Fronteiras, PSP, GNR, ou outra autoridade policial. Quando é alvo de uma decisão positiva, é emitida uma autorização de residência, ao abrigo do qual os respetivos beneficiários gozam dos direitos e estão sujeitos aos deveres dos estrangeiros residentes em Portugal. Estas pessoas têm ainda direito ao reagrupamento familiar com os membros da sua família e caso se verifique, durante o processo do pedido de asilo, que os respetivos requerentes estão em situação de carência, beneficiam de alojamento inicial e alimentação, atendimento jurídico e apoio social.

Como se pode ver, o Estado português assume assim um conjunto de obrigações perante estas pessoas. Mas, no contexto da maior crise de refugiados na Europa de que se tem memória, verificamos que é na sociedade civil que se gera a maior onda de solidariedade.

Em Portugal, o exemplo mais paradigmático é o da constituição da Plataforma de Apoio aos Refugiados que juntou um conjunto de pessoas e organizações da sociedade civil com a missão específica de promover o acolhimento e apoio à integração de famílias de refugiados em Portugal. A nível internacional, é de destacar o exemplo do projeto da firma de advogados multinacional DLA Piper, *Upholding the rights of refugees, asylum seekers and stateless people* desenvolvido em 9 países, no âmbito do qual 175 advogados de 15 escritórios localizados em jurisdições europeias, dedicaram cerca de 6.500 horas a prestar assistência jurídica pro bono a 175 refugiados e a 10 ONGs. O trabalho desenvolvido incluiu tanto iniciativas de litigância estratégica, como apoio e aconselhamento jurídico destinado a capacitar as organizações ativas nesta área.

A “crise dos refugiados” e o conceito de “segurança humana”

Por Rute Baptista

Poucos dias após os atentados de 13 de Novembro em Paris, vinte e um Estados norte-americanos vieram anunciar que iriam suspender o programa de acolhimento de refugiados sírios, invocando, para tal, razões de segurança. Também pela Europa se vão ouvindo vozes que apelam ao fecho das fronteiras e ao fim do acolhimento de quaisquer imigrantes. As razões são idênticas às apresentadas do outro lado do Atlântico: a segurança dos cidadãos. Pela mesma razão – a segurança humana – cerca de 70.000 sírios abandonam o seu país a cada mês e encetam uma longa e perigosa viagem até um destino que lhes possam trazer a segurança que perderam em suas casas. Mas que conceito de segurança humana é este que, se por um lado legítima e justifica a existência destes fluxos migratórios, por outro lado os condena a serem vistos como uma ameaça aos países de acolhimento?

No início dos anos 90 do século passado, no “pós-guerra fria”, a segurança deixou de ter uma conceção puramente militarista e centrada no Estado para se focar mais no indivíduo e no seu bem-estar. Em 1993, a Declaração de Bona sobre a Segurança Humana definia este conceito como “a ausência de ameaça à vida humana, estilo de vida e cultura, através da satisfação das necessidades básicas”. Em 1994, o relatório do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD) atribuía uma importância universal ao conceito de segurança humana, advogando que as ameaças como o desemprego, a criminalidade e o terrorismo, a toxicodependência, a poluição e a violação de direitos humanos são comuns a todo o mundo e que, ainda que se verifiquem apenas em alguns países, as suas consequências têm o potencial de se estender a muitos outros, não se confinando a fronteiras geográficas ou políticas. Assim, e na senda da proteção desta “segurança humana”, devem privilegiar-se ações



Rute Baptista

com vista à prevenção da ocorrência de tais ameaças e, nestas ações, devem participar todos os países. As ações de prevenção devem focar-se no indivíduo, pois é nas pessoas e como elas vivem que se centra o conceito de segurança humana. Em 2001, a Organização das Nações Unidas estabeleceu a Comissão para a Segurança Humana e, em 2004, a Unidade para a Segurança Humana que tem como objetivo a gestão do Fundo Fiduciário das Nações Unidas para a Segurança que, desde a sua criação em 1999, já financiou mais de 175 projetos em cerca de 70 países.

O conceito de segurança humana – apesar de não haver ainda um acordo quanto ao seu conceito final, entendendo-se, todavia, que ele representa um leque mais restrito de direitos humanos que se consideram basilares a uma vida digna – tem sido, para alguns países, o farol condutor das suas políticas externas e de assistência internacional e humanitária, e de programas políticos no campo da segurança. Todavia, e olhando para o atual panorama daquela a que se apelidou de “crise dos refugiados”, podemos afirmar, sem reservas, que o conceito de “segurança humana” enquanto projeto coletivo com vista a assegurar o bem-estar das pessoas, falhou. E falhou em várias frentes, quanto aos requerentes de asilo e refugiados e quanto às populações dos países de acolhimento.

Falhou, desde logo, em países como a Síria, a Eritreia, o Afeganistão e todos os outros países de onde são originários a maioria dos migrantes que hoje chegam, ou tentam chegar, à Europa. É a situação de guerra e violência – que nenhum país se mostrou efetivamente empenhado em envidar esforços para evitar ou apaziguar – que motiva milhares de homens e mulheres da Síria a fugirem do seu país, levando com eles bebês e crianças para uma viagem onde a sobrevivência é uma incógnita. É a situação de violação massiva de direitos humanos – a que a comunidade internacional continua a querer ignorar – que motiva milhares de eritreus a abandonarem o seu país. O mesmo exercício se poderia continuar a fazer, aqui, relativamente ao Afeganistão e demais países de onde fogem, todos os dias, centenas ou milhares de pessoas. É por se sentirem absolutamente inseguros e sem condições minimamente dignas para aí continuarem a viver, que os migrantes, que hoje formam a grande massa humana de refugiados de que todos os dias se fala na comunicação social, abandonam os seus países de origem.

O projeto “segurança humana” continua a falhar quando a União Europeia não cria um canal seguro de passagem dos refugiados, expondo-os a viagens extremamente perigosas onde muitos homens, mulheres e crianças têm perdido as suas vidas. A falência do projeto “segurança humana” é ainda visível quando os países de acolhimento negam a concessão “prima facie” de estatuto de refugiado, apesar da orientação nesse sentido do Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados em situações de grande massa de pessoas que foge do seu país por causa de uma guerra e perante a incapacidade de conduzir entrevistas individuais a todos os que buscam proteção internacional. A espera dos requerentes de asilo expõe-nos às mais diversas inseguranças; doenças, violência, fome, etc. Vários têm sido os relatos de organizações humanitárias que apontam práticas, a países como a Turquia e Marrocos, que violam o Direito Internacional. A Turquia tem detido migrantes e requerentes de asilo sem permitir o seu acesso à defesa de um advogado, forçando o seu retorno aos países de origem. Marrocos tem sido acusado de maus-tratos de pessoas que tentam saltar as cercas que rodeiam os enclaves espanhóis. Da mesma forma, em solo europeu, os requerentes de asilo (incluindo crianças e bebês recém-nascidos) têm sido maltratados, vendo-se muitas vezes confinados entre fronteiras, durante longas horas, à chuva e sem acesso a alimentos e bebidas.

A falência do projeto alicerçado no conceito de “segurança humana” estende-se também aos países de acolhimento de refugiados. Mais do que a fome, é a exclusão social – uma das maiores ameaças das sociedades ocidentais dos países desenvolvidos – que torna muitas pessoas mais suscetíveis a discursos extremistas e a serem recrutados para atos terroristas. Aliás, os recentes ataques em Paris demonstram isto mesmo. As informações veiculadas até ao momento indicam que todos os terroristas envolvidos são cidadãos da União Europeia, nascidos em solo europeu, que viviam em zonas consideradas socialmente problemáticas. Ainda, os países de acolhimento

continuam a ver os refugiados e requerentes de asilo como uma ameaça à sua segurança e coesão social, justificando, assim, a restrição de políticas de acolhimento de refugiados, promovendo sentimentos de ódio, racismo e discriminação contras as comunidades de migrantes de uma determinada nacionalidade ou origem étnica ou religiosa. Mesmo quando lições do passado parecem querer indicar noutro sentido: de todos os 784 000 refugiados que os Estados Unidos da América acolheram desde os eventos do 11 de Setembro, apenas 3 destes foram presos por acusações de planeamento de atos terroristas. Para além disso, parece ser continuamente esquecido o facto de que os requerentes de asilo e refugiados sírios são vítimas do autodenominado Estado Islâmico, sendo vistos pelos membros deste como traidores.

O conceito de “segurança humana” enquanto projeto coletivo de índole moral, parece ter efetivamente sucumbido. Todavia, para além das nobres e óbvias razões humanitárias, e de obrigação moral, que poderiam sustentar as políticas de acolhimento de refugiados, subsistem ainda motivos que poderão convencer, eventualmente, os governantes mais céticos aos argumentos de cariz mais filantropo. Contrariamente ao que parece ser sustentado pelos que se opõem ao acolhimento de refugiados – de que estes serão um peso para a economia do país de acolhimento, para o sistema de segurança social, para o mercado de trabalho pois retirarão as oportunidades de emprego aos nacionais do país de acolhimento e provocarão a diminuição dos salários –, países que têm recebido milhares de refugiados sírios, como o Líbano, a Turquia e a Jordânia, têm visto a sua economia crescer. Estudos científicos têm também apontado neste sentido. Um estudo alemão vem afirmar que um país que deixe entrar 1 milhão de refugiados durante 3 anos, verá o seu produto interno bruto (GDP) aumentar em 0,6% até 2020. Um outro estudo conduzido na Dinamarca vem concluir, após analisar um período de 17 anos de acolhimento de refugiados, que não houve qualquer impacto nas oportunidades de emprego para os nativos. Um estudo norte-americano vem também afirmar que o aumento na economia provocado pelo acolhimento de refugiados é 10 vezes superior aos gastos desse país em benefícios sociais a esses mesmos refugiados durante os primeiros anos da sua chegada. No entanto, as vantagens económicas do acolhimento de refugiados estão intrinsecamente relacionadas com o apoio que estes recebem quando chegam ao país de acolhimento. Se um país não disponibiliza ajuda social a quem chega apenas com o pouco que trouxe do país de origem, e com o que foi juntando nos vários países por onde passou na sua fuga a uma realidade de violação de todos os direitos humanos, então, não é expectável que o crescimento da economia do país aconteça se os refugiados não se sentirem integrados e bem acolhidos a ponto de aí quererem refazer as suas vidas e (re)iniciar as suas carreiras profissionais.

É preciso dar para receber. E isto é tanto verdade para as questões mais profundas como para as mais prosaicas, como a economia de um país. E se este for o único argumento que colhe no coração mais empedernido daqueles que nos governam, então que seja...



Diz-me que desafios tens, dir-te-ei quem és – o futuro do investimento social¹

Por Rita Casimiro e António Miguel,
Laboratório de Investimento Social

Em certa medida, o investimento social está para o investimento tradicional como a impressão 3D está para a indústria de impressão: muita gente fala nisso, pouca gente o faz e quem o faz ainda não faz tão bem quanto poderia. São inúmeros os desafios que se colocam até chegarmos a um ponto de inflexão em que investir em mudança social se torna um paradigma e prática comum.

Neste artigo, o último de uma série de três que exploraram ao longo dos últimos meses, diferentes perspetivas sobre o Grupo de Trabalho Português para o Investimento Social, identificamos os principais desafios que existem ao desenvolvimento do setor de investimento social em Portugal. Para este efeito, recolhemos as perspetivas de três peritos nesta temática e membros do GT Investimento Social: Domingos Soares Farinho, do Instituto de Ciências Jurídico-Políticas; Luís Jerónimo, da Fundação Calouste Gulbenkian; Miguel Athayde Marques, do Portugal Economy Probe.

Desafio 1. “Os protagonistas do setor de investimento social deverão ser as respostas sociais inovadoras e não os instrumentos financeiros” (Luís Jerónimo)

Os mecanismos financeiros são um meio para atingir um fim, não o fim em si mesmo. O ponto de partida para o desenvolvimento de mecanismos financeiros para a inovação social deve ter como ponto de partida as necessidades reais das organizações e os obstáculos de financiamento na resolução de determinados problemas sociais.

Nesse sentido, devem adaptar-se às organizações sociais e não o oposto.

As organizações sociais enfrentam grandes desafios no acesso a mecanismos de financiamento adequados às suas necessidades. Desta forma, o foco na capacitação das organizações revela-se extremamente importante, dependente de um capital focado no longo prazo, capaz de financiar a estrutura das organizações e não somente a sua atividade presente. Neste facto assenta a grande diferença entre investimento social para as organizações (focado em projetos) e nas organizações (focado na estrutura das organizações). O desafio reside em desbloquear mais investimento social para investir nas organizações.

Além dos constrangimentos endógenos, como dificuldades de gestão, na recolha e tratamento de informação, existem ainda desafios exógenos, tais como a dificuldade em atrair talento – um talento diversificado e qualificado. Mais do que financiamento, o investimento social foca-se em resultados e no impacto real gerado, intimamente dependente de uma gestão profissionalizada e completa.

Luís Jerónimo acredita que esta nova geração tem vindo a demonstrar um novo olhar relativamente às suas ambições profissionais, não se restringindo à remuneração financeira, mas dando forte relevância ao valor social que pode gerar com o seu trabalho. Como resultado, as organizações sociais têm diante de si uma grande oportunidade de capitalizar este segmento, explorando novos incentivos a que as restantes empresas não terão acesso.

1. Agradecimento especial pelo contributo pelo seu contributo a Domingos Soares Farinho, Luís Jerónimo e Miguel Athayde Marques.

Desafio 2. “A liderança pelo exemplo cria embaixadores que mobilizam outros para o financiamento da inovação social” (Luís Jerónimo)

É crucial assegurar um grupo de investidores que dê o exemplo e que viabilize um número de transações significativo para a criação do mercado. A Fundação Calouste Gulbenkian deu um passo neste sentido ao financiar o primeiro Título de Impacto Social (TIS) em Portugal. No entanto, tal não é suficiente para criar a evidência e a experiência que o mercado necessita – outros poderão juntar-se a esta abordagem de financiar a inovação social.

Num contexto em que Portugal lidera pelo exemplo a nível da União Europeia, através duma entidade catalisadora como a Iniciativa Portugal Inovação Social, será necessário dinamizar todo o ecossistema. A atração duma multiplicidade de atores é um fator sine qua non para a sustentabilidade do setor de investimento social no nosso País. Teremos de olhar para a Iniciativa Portugal Inovação Social como uma excelente alavanca, não como o dinamizador exclusivo.

Precisamos ainda de ser claros sobre a ambição do investimento social, enquanto conceito emergente. A possibilidade de um reembolso e potencial retorno financeiro é obviamente uma premissa interessante e atrativa para os investidores sociais, uma vez que possibilita a multiplicação da capacidade de investir em projetos de natureza social. Contudo, o investimento social serve um propósito específico, focado num nicho do setor social, e que não resolverá todos os problemas financeiros do setor. Existirão sempre organizações sociais que operam sem modelos de negócio, dada a sua natureza de ação humanitária, para quem os donativos e financiamentos unilaterais serão sempre necessários. E isto não é de nenhuma forma uma perspetiva negativa; pelo contrário, corrobora a necessidade de diversidade dos mecanismos de financiamento da inovação social, desde a filantropia, passando por mecanismos de investimento social até chegar a outros instrumentos financeiros tradicionais.

Desafio 3. “Uma cultura de orientação para os resultados só pode passar pela formação, como orientação política estratégica top-down”. (Domingos Soares Farinho)

No domínio do setor público, um dos principais desafios que o mercado enfrentará prende-se com a formação dos vários agentes do mercado. Nos próximos anos é necessário um investimento no desenvolvimento de competências para o investimento social, com especial enfoque no setor público, disseminando aspetos importantes, como a contratualização por resultados no

âmbito dos serviços sociais públicos. Domingos Soares Farinho defende que a alteração da cultura predominante focada no curto-termismo e de ênfase nas atividades, em contraponto com os resultados, será alterada quando forem disponibilizados os conteúdos, ferramentas e recursos para que os agentes do setor público possam tomar decisões informadas e enquadradas num cenário legal que crie esses incentivos.

O setor público é o principal comprador de resultados sociais e verá, nos próximos anos, a necessidade de alterar a forma como financia o cumprimento desses resultados. Antecipar uma tendência crescente será um movimento com sentido para os representantes do setor público em Portugal.

Desafio 4. “A existência de iniciativas que promovam a eficiência, transparência e avaliação de resultados terá reflexo numa melhor angariação de recursos financeiros para o setor”. (Miguel Athayde Marques)

Este setor emergente e os atores que nele se movimentam rapidamente irão exigir um grau de transparência e simetria de informação que terá um efeito direto na credibilidade e robustez do mercado. Na prática, a existência de inteligência de mercado, não só facilita a pesquisa de informação existente, e que se encontra atualmente dispersa por inúmeras fontes, mas também incentiva a produção de informação em falta, colmatando as lacunas visíveis neste mercado em desenvolvimento.

Para Miguel Athayde Marques, este processo assemelhar-se-á muito ao do Portugal Economy Probe (www.peprobe.com), uma plataforma que agrega e difunde informação sobre a economia portuguesa e os seus agentes e que viu o mercado reagir tanto na forma de aceder à informação como na produção da mesma.

Os próximos anos irão servir de palco para a história que o investimento social poderá contar. O diagnóstico foi feito e validado por 21 decisores dos setores público, privado e social no âmbito do Grupo de Trabalho Português para o Investimento Social. O sucesso depende agora do rigor e capacidade analítica na implementação das recomendações propostas. Está nas mãos dos diversos atores atuarem de forma concertada para que em 5 anos o investimento social se transforme numa forma de investimento tradicional.

No final, todos ganham, mas principalmente aqueles que representam os segmentos mais vulneráveis da sociedade pois as organizações que os apoiam estão mais capacitadas e adequadamente financiadas.i

i. Nota sobre o Grupo de Trabalho Português para o Investimento Social:

Este grupo reuniu, ao longo de 12 meses, mais de 20 entidades dos setores público, privado e social, tendo culminado na apresentação de cinco recomendações que visam estabelecer uma estratégia para a criação de um mercado de investimento social em Portugal. Toda a informação está disponível em <http://grupodetrabalho.investimentosocial.pt>

AGENDA

WORKSHOPS CALL TO ACTION

Data: 22 e 29 de janeiro

Local: atmosfera m, Porto

Organização: Call to Action em parceria com o Impulso Positivo

Info: Torne-se especialista em Fundraising e venha participar nos workshops dedicados aos temas “Fundraising Online” e “Como angariar fundos junto de empresas”. Sessões de formação de 1 dia, metodologia totalmente prática, com o objetivo de ficar a “saber fazer”, podendo aplicar no seu caso específico logo no dia seguinte. Inscrições online em www.calltoaction.pt



CONGRESSO INTERNACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL

Data: 18 e 19 de fevereiro, 2016

Local: Auditório Agostinho da Silva - Lisboa

Organização: Universidade Lusófona

Info: O congresso internacional de Serviço Social tem como tema os direitos humanos. Pretende refletir sobre o Serviço Social como profissão dos direitos humanos e compreender o Serviço Social num mundo em mudança destacando os problemas contemporâneos, a intervenção social, as questões éticas e a produção de conhecimento.



PÓS-GRADUAÇÃO ECONOMIA SOCIAL - COOPERATIVISMO, MUTUALISMO E SOLIDARIEDADE

Data: De fevereiro a junho, 2016

Organização: Centro de Estudos Cooperativos e da Economia Social (CECES/FEUC)

Local: Auditório da Reitoria da Reitoria da Universidade Nova de Lisboa

Info: Encontram-se abertas, até ao próximo dia 8 de janeiro de 2016, as candidaturas de Acesso à Pós-Graduação em Economia Social – Cooperativismo, Mutualismo e Solidariedade para o ano letivo 2015/2016. Os estudantes selecionados nesta Pós-Graduação e que não possuam meios para autofinanciar a sua participação poderão candidatar-se a Bolsa de Estudo, no valor de 300,00€ cada, relativa ao montante da propina. As candidaturas são feitas online. Poderá encontrar mais informações na página web da FEUC.



CORRIDA WINGS FOR LIFE

Data: 8 de maio, 2016

Local: Porto

Organização: Fundação Wings for Life

Info: A corrida que tem como mote “correr por aqueles que não podem” e que acontece em várias cidades do mundo inteiro em simultâneo, vai para a 3ª edição. As inscrições podem ser feitas até 4 de maio de 2016, sendo que há dois períodos promocionais, um até ao final do ano e outro até 13 de março de 2016. As receitas das inscrições para a corrida, que tem o mote “correr por aqueles que não podem”, revertem na totalidade para a Fundação Wings for Life, que tem como objetivo encontrar a cura para as lesões na espinha-medula. As duas primeiras edições da corrida contaram 136.677 participantes em todo o mundo, o que se traduziu em mais de sete milhões de euros para investigação científica.

FOTOFILANTROPIA



Uma criança consola o pai que chora desolado, enquanto partilham o pão, o olhar e o coração. O momento passa-se durante um protesto na linha de fronteira entre a Grécia e a Macedónia. Como parte de um esforço conjunto para reduzir o número de requerentes de asilo que têm chegado à União Europeia, a Macedónia, a Sérvia e a Croácia, restringiram o acesso à rota dos Balcãs apenas a sírios, iraquianos e afegãos. Todos os outros, como este pai e este filho, ficam. Sem nada. Sem ninguém. Sem chão.

*“Uma partilha do que de melhor se faz
no setor da educação e em
especial no setor da economia social.”*





PLATAFORMA DE APOIO AOS
REFUGIADOS

PAR - Linha da Frente

FAÇA O SEU DONATIVO PARA APOIAR OS REFUGIADOS
NOS PAÍSES DE ORIGEM

INSTITUIÇÕES BENEFICIÁRIAS:
CÁRITAS MÉDIO ORIENTE e JRS MÉDIO ORIENTE

www.refugiados.pt

LINHA PAR REFUGIADOS nº 760 200 250 (€0,50 por chamada) custo da chamada €0,60+iva

NIB: 0036 0000 99105913826 45

IBAN: PT50.0036.0000.99105913826.45 | BIC/SWIFT: MPIOPTPL

MULTIBANCO: TRANSFERÊNCIAS> SER SOLIDÁRIO>PAR-REFUGIADOS

*Caso pretenda um recibo do donativo, por favor preencha este formulário: <http://tinyurl.com/par-donativos>.